

CONTOS DE

*escolas*

*invisíveis*



**Estudantes de Psicologia  
da Educação**



Pedro João  
editora

# *Contos de Escolas Invisíveis*



**Copyright © Autoras e autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores

---

**Marisol Barenco de Mello e Miza Carvalho (org.)**

**Contos de escolas invisíveis.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.  
128 p.

**ISBN 978-65-265-0902-9 [Impresso]**

1. Educação. 2. Psicologia da Educação. 3. Licenciaturas. I. Título.  
CDD -370

---

**Capa:** Marisol Barenco de Mello

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil).

“O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor”



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 - São Carlos – SP

2023

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	7
AS ESCOLAS E O MACHISMO COMO FORÇA OPRESSORA .....	10
A CORRIDA ESCOLAR .....	13
A CORRUPÇÃO DA BELEZA .....	15
A ESCOLA E A ILUSÃO DA IGUALDADE .....	17
A ESCOLA E A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA .....	20
A ESCOLA E AS ENGRENAGENS .....	22
A ESCOLA E O DESINTERESSE .....	24
A ESCOLA E O SENTIMENTO DE ESTAR PARA TRÁS .....	27
A ESCOLA FRAGMENTADA E A AUTOCOBranÇA .....	30
A ESCOLA PERDIDA DO BAIRRO PERDIDO .....	32
AS ENCRUZILHADAS DA ESCOLA .....	34
AS ESCOLAS E A COMPETIÇÃO INTELCTUAL .....	37
AS ESCOLAS E A SUBESTIMAÇÃO EQUIVOCADA .....	39
AS ESCOLAS E A OPRESSÃO AO CORPO FEMININO .....	42
AS ESCOLAS E O APAGAMENTO DOS CORPOS INFANTO-JUVENIS.....	44
AS ESCOLAS E O PERIGO DA PADRONIZAÇÃO DE COMPORTAMENTO	48
AS ESCOLAS E O RELACIONAMENTO ABUSIVO .....	49

AS ESCOLAS E O VERÃO .....	53
AS ESCOLAS E OS ECOS DO MACHISMO .....	56
AS ESCOLAS E PADRONIZAÇÃO.....	59
AS ESCOLAS INVISÍVEIS E A OPRESSÃO DO CORPO .....	62
AS ESCOLAS E AS INSPIRAÇÕES! .....	65
CIDADE SEM ROSTO.....	67
A ESCOLA DOS MELHORES PÁSSAROS.....	70
AS ESCOLAS, AS DESCOBERTAS E AS MOTIVAÇÕES.....	74
A ESCOLA DE PAPEL .....	76
AS ESCOLAS E O DESAMOR .....	78
AS ESCOLAS E A DISCRIMINAÇÃO .....	81
ESCOLAS COMO LINHAS DE PRODUÇÃO .....	83
AS ESCOLAS OCULTAS .....	85
AS ESCOLAS E O CÉU .....	90
JANELA.....	94
JARDIM DO SABER .....	96
AS ESCOLAS E A PRESSÃO DE SER EXTROVERTIDO:.....	100
A SOLIDÃO DA MULTIDÃO .....	100
CLUBE DOS OTÁRIOS .....	102

LUGAR SEGURO? .....	108
A ESTRELA .....	110
MENINA ZUMBI .....	112
AS ESCOLAS INVISÍVEIS E A PADRONIZAÇÃO DE COMPORTAMENTO	115
O PESO DA PERFEIÇÃO:.....	118
UM CONTO SOBRE A ESCOLA E A AUTOCOBrança .....	118
O PESO DAS PALAVRAS .....	121
UMA ESCOLA NOVA QUE SE TRANSFORMOU EM MEMÓRIA ANTIGA. .....	123
O CONTO DA CIDADE SEM LAR .....	126
O EGO ESCOLARIZADO DO PODER .....	127

## APRESENTAÇÃO

O que é um livro? Apesar de todas as forças dominantes que separaram das nossas possibilidades de ação no mundo a sua escritura, apesar de crescermos em um final de era dominada pela escrita enquanto instrumento de colonização branca europeia, que nos destituiu da terra, do corpo e das palavras, um livro nada mais é que a tradução, em gêneros literários, das nossas palavras vivas. Palavras vivas nas relações que estabelecemos no mundo, contra um mundo construído na base de relações injustas e de desapropriação da riqueza e da beleza, e que não cansa de reafirmar-se em suas instituições e práticas, cotidianamente.

No nosso caso, essas relações se deram no contexto de uma sala de aula universitária, onde estudantes e professoras conviveram por alguns meses, colocando em crise nossas concepções naturalizadas de escola, de educação escolar, de crianças, de crianças de várias culturas, da nossa própria cultura que tem nos processos de escolarização um poderoso suporte de reprodução do social.

Ao fim de uma série de atividades críticas, que incluíam a leitura de obras de arte e textos que nos faziam pensar a exigibilidade de uma crítica à forma escolar, nos colocamos como sujeitos desta história, tanto narrando quanto refletindo sobre as escolas que vivemos, concretas, em suas formas vivas e ainda atuantes em

nossas maneiras de pensar e perceber o mundo e a nós mesmas/mesmos. Desta atividade pudemos conhecer escolas outras, em particular as perspectivas educacionais de culturas tradicionais do oeste de África, onde os contos são instrumentos de transmissão, tornando os conhecimentos e saberes da oralidade sempre abertos, por um lado, e sempre referidos à tradição da cultura, por outro, mas tendo a narrativa aberta e inconclusiva dos contos como base literária. A professora doutoranda Miza Carvalho realizou uma oficina em que apresentou o que vem estudando, a partir do seu entendimento dos aportes epistêmicos da tradição dos *djeliw* de Mali e Burquina Faso, e ao final da atividade propusemos que pudéssemos, também nós, escrever contos para narrar nossas escolas.

Estes contos que agora passarão a ler são o resultado deste trabalho: uma crítica profunda e dialógica das formas escolares tanto opressoras, quanto transformadoras, encarnadas em personagens e escolas que contam de nossos processos, na maioria das vezes invisibilizados pelas demandas do mundo do capital e do trabalho mercadologizado. Mas são escolas vivas, invisíveis, daí justamente sua força e sua potência: porque não estão na luz, guardam as sementes de suas possíveis transformações. O projeto discursivo literário teve em Italo Calvino sua referência, a partir da leitura de sua obra *Cidades Invisíveis*. Como todo ato criador, os autores e autoras que escreveram estas *Escolas invisíveis* escandiram as referências e criaram, autoralmente, esta

obra que agora apresento, e que espero possam tanto apreciar quanto responder, criando suas próprias narrativas em sequência a esta leitura.

É preciso olhar para as escolas com crítica e com inventividade para que, como estes e estas autoras e autores, elas possam ser afiguradas, pensadas e transformadas.

Um agradecimento especial ao professor Valdemir Miotello da Editora Pedro & João, que proporcionou a este grupo de estudantes e professoras a alegria e responsabilidade histórias de sermos autores/as, criadoras/es de mundos outros possíveis, em livro. Obrigada pela sua generosidade que possibilita a criação destas formas de também estar na história, antes de tudo com a palavra viva e dialógica, e agora com estas palavras escritas e impressas, para serem lidas por muitos.

Niterói, primavera de 2023  
Marisol Barenco de Mello

CONTOS DE

*escolas*

*invisíveis*

## AS ESCOLAS E O MACHISMO COMO FORÇA OPRESSORA

Isabella Leite da Silva

No centro da cidade existia uma escola chamada Eurídice, que era grandiosa e muito imponente. Sua estrutura revelava a dinâmica das relações presentes naquele espaço, as quais eram baseadas no lado mais forte sempre performando tentativas de impor padrões no lado que estava fora desses padrões. As meninas eram colocadas no lado fraco, assim, os meninos que se encontravam privilegiados por estarem dentro dos padrões encenavam violência, anulando corpos de modo que muitas não se sentiam mais confortáveis sendo elas mesmas. Na segunda-feira, era um aluno fazendo comentários sobre o peso de uma aluna. Na quarta, era um grupo de alunos apontando para o corpo de uma aluna e rindo alto. Na sexta, não era um aluno, mas era um professor proferindo julgamentos acerca do cabelo de uma aluna no meio da sala de aula. No final de semana, as alunas respiravam fundo, aliviadas, pois ansiavam por um descanso da violência, mas sofriam o mesmo tipo de coisa com suas famílias e amigos.

Essas meninas sofriam silenciosamente e faziam tudo o que podiam para parecerem pertencentes aos moldes definidos por eles. Muitas escondiam com roupas as partes de seus corpos que não eram aceitas, outras

tentavam disfarçar seus cabelos, mantendo-os bem presos por amarras fortes, já que eram considerados rebeldes e expressivos demais. As altas andavam curvadas para não chamar muita atenção para si mesmas, as magrinhas usavam duas calças em pleno calor de 40° para não parecerem tão magras. No entanto, tudo isso não resolvia nada e elas continuavam sofrendo, pois a ferida já tinha sido aberta e demoraria muito tempo para começar a se cicatrizar, jamais fechando completamente. Não, a ferida continuaria ali e doeria a cada lembrança e a cada contato com uma irmã que estivesse sofrendo a mesma coisa. Contudo, essa dor da ferida era um aviso de que a grande maioria das mulheres passou, passa e passará por isso, assim, conforme os anos foram decorrendo, as meninas da escola Eurídice perceberam que o problema nunca foi com elas e começaram a aceitar e amar as suas características antes inaceitáveis, num movimento de cura e de revolta, pois sabiam que agora precisariam lutar dia após dia. Elas se apoiavam no fato de que poderiam contar umas com as outras e, de fato, eram ainda mais fortes assim.

## A CORRIDA ESCOLAR<sup>1</sup>

Micaela Mascarenhas

A escola que frequentamos alimenta-nos com a ideia de que todos podemos trilhar um mesmo caminho. Como uma maratona, para alçar o pódio mais alto, só depende de nós. Uma competição coletiva com recompensas individuais. Assim, refleti sobre a escola a caminho dela. Durante a andança, todo o entorno da velha instituição parecia-me mais interessante: as praias, a praça da Cantareira, a biblioteca universitária e até o karaokê na extinta Caverna do Bin Laden. Quase desviei o caminho. *De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.*

Dizem, os sábios mestres: se não estudar, não tem futuro! Saiba que seu sucesso ou seu fracasso são suas responsabilidades. Mas temos de fato tais capacidades? Soube que a Maria, embora uma aluna muito dedicada, abandonou a escola para trabalhar e ajudar os pais. Ou estudava, ou passava fome. Há alunos que só vão à escola merendar. Que absurdo! Assim dizem os sábios mestres. Chegou tarde? Não vai dar tempo de copiar!

---

<sup>1</sup> Este conto busca estabelecer uma breve intertextualidade com “Conto de Escola”, escrito por Machado de Assis, em 1896.

Sentem todos, virados para frente, que a prova vai começar! José tirou zero... quem mandou colar? Na maratona escolar, uma nota dirá: avance para o próximo ano, ou o mesmo repetirá. E então, desatino. Não compreendo tamanha competição e a insistência dos sábios em tratá-la como sinônimo de responsabilidade, comprometimento e disciplina. Mas avancei e sequer me importei com os que ficaram, partiram, sumiram. Moldaram-me para uma caixa e ali me acomodei.

No último dia de aula, porém, recordei-me de Machado de Assis e seu escrito “Conto de escola”. Três elementos do conto, especificamente: o gênero humano, o papagaio feito de papel que pairava no Morro do Livramento, e o tambor que ecoava na companhia do batalhão de fuzileiros. Lidamos, em uma escola, com a complexidade humana, e esquecemo-nos de sua peculiaridade. Ouvi de sábios que devemos nos uniformizar. Um pássaro fora da escola convida para voar. Pouco importa. Ouvi de sábios que devemos nos conformar. *Mas o diabo do tambor...* Esse todos não-de ouvir! É o último dia de aula. E ouço, enfim, as vozes dos sábios das ruas, dos campos. É a escola da vida. Cá, devaneio por um mundo que um dia os ouvirá.

## A CORRUPÇÃO DA BELEZA

Ludmylla Crepaldi Sodré

Em uma cidade conhecida pela beleza, a princesa feiurinha, se destacava. Por onde andava todos olhavam, sua beleza era um tanto quanto exótica, eles diziam...

Feiurinha cresceu acreditando que realmente era especial, especialmente feia! andava cabisbaixo, não tinha amigos e nem gostava de interações sociais.

A escola era o pior momento de seu dia, todos riam de sua “falta” de beleza, apontavam e faziam piadas, até quem devia lhe defender fazia piadas...

a princesa passou a inventar desculpas para não ter que sair de casa e depois muito sofrer percebeu que numa cidade de pessoas bonitas, todos eram infinitamente feios, feios por dentro!

Muito se passou e nesse tempo, muitas palavras duras lhes foram ditas e muitas lágrimas chorou.

Até que um dia o jogo virou, feiurinha já não era mais tão “feia”, e se viu num lugar de destaque, agora ela era socialmente aceita, e para além disso, socialmente corrompida.

E assim, feiurinha finalmente se tornou uma pessoa feia,  
como nunca, nunca tinha sido, feia por dentro!

## A ESCOLA E A ILUSÃO DA IGUALDADE

Yasmin Ciríaco Siqueira

Em uma grande cidade existia uma menina chamada Dandara. Dandara, uma jovem com poucos sonhos, não sabia o que o futuro lhe reservava e nem se permitia sonhar muito, quando era questionada sobre o que fazer após o ensino médio, não sabia o que responder, afinal, tinha ela tantas opções?! Dandara foi criada por sua mãe e por sua avó, sua mãe teve que trabalhar desde cedo e sua avó era analfabeta. Essa jovem não se permitia sonhar, não se permitia ir além da sua realidade.

Dandara estudava em uma escola grande, chamada Escola Estadual Manoel de Barros, apesar da escola ser uma homenagem a um grande escritor, ela não tinha intenções de formar alunos críticos e pensantes. Sua escola, como a grande maioria, tinha um único propósito: formar alunos para serem meios de produção, e assim, contribuindo para que esses alunos não sonhassem, mas que apenas fossem um robô nessa sociedade.

Certo dia, ao lado de suas amigas, Dandara esteve de frente com uma realidade totalmente diferente. Neste dia, naquele momento, caiu a ficha de uma

desigualdade social que ela estava inserida. Ao lado de suas amigas ricas e de escolas particulares, que estudavam para provas que Dandara nem sequer sabia da existência, ela viu que a sua educação não estava sendo feita para ser uma futura ingressante da universidade, uma futura médica, professora ou advogada, o interesse da sua educação era contribuir para um sistema que vive graças a classe mais pobre. Dandara percebeu que nunca se permitiu sonhar porque não lhe apresentavam um mundo fora da sua bolha, porque não queriam que ela sonhasse. Afinal, imagina o perigo que poderia acontecer se aquela jovem menina se permitisse sonhar?

A partir desse dia, Dandara passou a olhar para as relações sociais de forma diferente, ela viu que as oportunidades e direitos não eram iguais, ela estava decidida a quebrar esse ciclo. Sendo assim, foi encorajada a estudar, a passar pelas estatísticas, passar pela realidade da sua própria família e estava determinada a pisar em uma universidade, mesmo que falassem que não havia espaço para ela neste lugar, ela iria conseguir.

E no final, ela conseguiu, ela entrou e ali ela achou que mudou a realidade, que as desigualdades estavam diminuindo, um mundo justo e melhor estava

finalmente acontecendo, mas quando ela pisou na universidade, ela teve a certeza de que aquele lugar não foi feito para pessoas como ela, ela viu como pessoas como ela é tão pouco representado naquele lugar. Naquele momento, Dandara viu que a sua luta só estava começando.

## A ESCOLA E A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Maria Luiza de Carvalho Ribeiro

Na escola Vélame, vivia uma linda garotinha, Ana. Ela não sabia sempre o que a esperaria, mas sempre acordava ansiosa para seu primeiro dia de aula. Anos se passaram e o sentimento começou a mudar, quando criança não percebia que lugar que ela mais romantizava, podia ser o lugar mais problemático que ela frequentava, todos os dias.

A rotina era a mesma, acordar, se arrumar, ir pra escola, ser uma boa menina, tirar notas boas, não cometer nada de errado, enfim ser perfeita. Enquanto vários viviam uma infância aparentemente mais feliz e normal, Ana não podia sentir o mesmo, as crianças não admitiam que uma garota cujo principal objetivo era ter as notas mais altas entrasse no grupo e brincasse, sua falta de beleza padrão também era um empecilho na vida dela.

Todos os dias Ana se sentava na cadeira e se perdia em meio aos seus pensamentos, seus pensamentos era o que mais a mantinha entretida, seus recreios eram divididos em tentar se encaixar num grupo e em simplesmente desistir da ideia pois via que eram em vão. Até que um dia, através de seu diário começou e relatar todos os dias

os seus dias como se fosse seu melhor amigo, passava seus recreios escrevendo e não passou a encarar a escola como um lugar triste, e sim um lugar onde poderia levar seu melhor amigo, seu diário, e contar em primeira mão pequenas novidades do seu dia.

Através desse diário ela percebeu quando estava no auge do seu ensino médio que o seu futuro era na escrita, era mais que um hobby, era algo que ela queria que se tornasse profissional e viver daquilo. Com o passar do tempo Ana percebeu que não importa nota, não importa a pressão imposta pela sua família ou professor, não importa nada disso pois no final do dia era sempre ela e só ela. Ela percebeu que não importa o quão boa ela tentasse ser, não era o suficiente. Ana encontrou seu refúgio quando finalmente saiu da escola, e se dedicou àquilo que realmente a fazia feliz, a leitura. Mesmo com a objeção da sua família, ela cursou o curso que sempre quis e se tornou escritora.

## A ESCOLA E AS ENGRENAGENS

Rafael Werneck

Na cidade das engrenagens, todos os dias o sinal soa às sete. Uma quantidade considerável de pequenas engrenagens adentra-se rapidamente para seus lugares. Indistintamente uniformizadas, elas se distribuem conforme sua faixa etária em grandes salas com pequenas carteiras individuais, organizadas em filas indianas, onde cada uma deve se acomodar. Sem muita demora, adentra-se também em cada sala uma engrenagem sênior, aquela que possui autoridade perante as jovens engrenagens durante todo o tempo. Sua função é passar às pequenas engrenagens a maior quantidade de conteúdo possível, dentro do menor tempo possível, em todos os dias possíveis. As pequenas engrenagens, por sua vez, compreendem que seu papel é entender tal conteúdo, para que um dia venham a se tornar engrenagens independentes e possam trabalhar em uma bela máquina nova, com parafusos brilhantes, polias reluzentes e movimentos maravilhosos, conforme alguém um dia lhes prometeu. Contudo, a vida de engrenagem não é fácil. A impiedosa realidade cotidiana envolvida nos dramas socialmente impostos

faz com que a maioria das engrenagens tenha de trabalhar em máquinas velhas, precarizadas, com um salário que permite pouco acesso à dignidade. Enquanto, por outro lado, pouquíssimas engrenagens desfrutam o gozar da vida e seus deleites luxuosos. Não há muitos questionamentos quanto a isso. Não entendem o porquê de ser assim, mas nem se propõem a tal. Afinal, o impulso do dia a dia os empurra na reprodução de um movimento involuntário, como uma bicicleta que desce uma ladeira por conta própria. Nasceram assim, vivem assim e morrerão assim. Amanhã o sinal soa às sete.

## A ESCOLA E O DESINTERESSE

Gabriel Marques Canedo

Saindo de Seraphina, vamos acompanhar um pequeno demônio.

Esse demônio, de pele escura e chifres chamativos não nos interessa, mas é de suas notas que tiraremos nosso mundo.

O Pequeno demônio andou, por dias e dias, meses e meses anos e anos, e foi distante quanto pode, e chegou na Esfera Pontaguda, inquieto como era, escreveu tudo que via.

Na Esfera Afiada, diz o demônio, tudo começou escuro, debaixo do manto da noite que ainda não se fora enquanto Ele ainda não nascia. Pode soar estranho, começar uma história antes Dele, mas é assim que era, pois antes Dele, elas já estavam de pé, algumas a pé, outras em longos monstros de metal capazes de correr em minutos o que o demônio andaria por dias. Quando Ele raiou, elas, já em meio a Esfera Espinhosa, conversam com seus colegas de cela, seus grandes umbigos se conectam, por eles, fluem o tempo, o espaço, o mundo, o desejo, através do umbigo, cada uma delas

é mais que si, é Mundus, é ela, e é a outra, o umbigo, anota o pequeno demônio, é ferramenta de conexão.

Mas então, quando Ele já é garoto, soam as sirenes, e elas são levadas, em grupos separados pelo tamanho de seus umbigos para suas celas coletivas, lá, os preenchedores fazem o seu trabalho, alguns melhores que outros, alguns propositadamente pior do que outros – estes, que desaparecem tão cedo seus umbigos são descobertos – falam sobre mudar a Esfera Sangrenta, às vezes faz sentido a elas, as vezes não.

Quando Ele atinge meia vida, seus umbigos – descreve nosso pequeno demônio – que no nascer Dele eram grandes como o espaço, agora, já são como moedas, nessa hora, em que Ele atinge meia vida, elas são liberadas por frações, podem, uma ultima vez, conversar com seus companheiros de Cella, ainda se conectam, fluí menos tempo, fluí menos espaço, fluí menos mundo, mas ainda fluí, portanto ainda não está pronto o trabalho dos preenchedores, elas ainda são elas, mas elas precisam ser Elas, precisam estar Lotadas de identidade, lotadas de si, para que assim seus umbigos murchem e caiam, então, conforme Ele envelhece, retornam elas para os preenchedores que as tornaram Elas.

Quando Ele já é velho, e o manto da noite faz se perceber no Horizonte, Elas já são Elas, já tem identidade, já tem si. Agora, olham com desdém a elas, e com ainda mais desdém a aqueles preenchedores que ainda detém o umbigo, na pirâmide em que vivem, “nada adianta o umbigo” disse uma Delas, em outra das notas do pequeno demônio, Elas dizem “precisamos subir, precisamos não descer, precisamos ser quem somos e precisamos ser melhores, sempre”

E então, quando Ele morre, Elas já são Esferas, seus umbigos morreram, e os preenchedores concluíram seu trabalho, agora cabe a Elas preencher as elas que nascerão amanhã novamente, junto Dele.

O pequeno demônio então, apercebido que, por mais que andará, não sairá da palma da mão de buda, decidiu não andar mais. Durante a noite, endomniado como só um demônio poderia ser, arquitetou um plano, e, depois de ver um dia, uma geração, uma vida e uma História, pegou um alfinete e decidiu sair por aí criando novos umbigos.

No seu diário, a última nota do demônio dizia:

Umbigo\* - Um vazio.

## A ESCOLA E O SENTIMENTO DE ESTAR PARA TRÁS

Maria Luíza Marques

A vida das fadas no Reino Fatum era constituída de três fases: até os 6 anos as fadas ficariam em casa para os pais perceberem seus pontos fortes, seus poderes de fadas. Quando crianças, deveriam ir para a escola para aprenderem a controlar seus poderes e quando chegassem na maioridade deveriam ser as fadas perfeitas para o reino continuar sendo como todos os contos de fadas.

Contudo, nesse reino existia a fada Adeline. Ela não teve suas três fases como deveria ter tido. Seus pais faziam parte do exército do castelo e não tinham tempo suficiente para exercerem a primeira fase da vida de fada da filha. Então Adeline desde cedo ficava numa espécie de pré-escola, que era mais sua casa do que onde ela morava.

Adeline sempre se deu bem com todos e apesar da sua timidez ela tinha vários amigos, então a época da pré-escola não era ruim, apesar de não ter seus pais como queria ela até que gostava de como seus dias eram... até que numa noite chuvosa e escura seus pais lhe contaram

que ela deveria ir para a escola afinal era seu aniversário de 6 anos. Sua vida virou de cabeça para baixo, estava na idade mais assustadora de todas, ela iria para uma escola difícil, sem seus amigos, com sua barreira de conversar com as pessoas por conta da timidez e principalmente estava na fase mais importante de uma fada: ela deveria aprender a voar.

Ela tinha muita dificuldade em bater as asas e seus amigos do pré também tinham, então ela achava que não era um problema..., mas nessa nova escola sua turma toda sabia voar e até melhor que o esperado. A solidão de ainda não ter feito amigos, os olhares dos colegas, a pressão dos professores e da família a deixavam pior com isso tudo. E principalmente a comparação com as outras fadas a fazia ter medo até de tentar.

Um dia, sua mãe viu Adeline chorando muito em seu quarto e logo entendeu que a filha ainda não tinha aprendido a voar. Na mesma hora ela ligou para uma amiga que dava aula em um cursinho de voo e pediu para que ensinasse a sua filha também. Foram semanas e semanas de sentimentos péssimos, de sofrendo julgamentos de todos os lados, de se sentido para trás... até que numa manhã bonita, com o céu claro e colorido Adeline deu seu primeiro voo.

Hoje ela olha para esses tempos e nem acredita que a melhor parte do seu dia é justamente voar por todo o reino, o vento em seu rosto e em seus cabelos, sua saia favorita se mexendo, tudo a faz extremamente feliz é o que mais ama fazer. E dentro de seu coração ela entende que mesmo que seja difícil no início, que pareça impossível ela vai conseguir superar.

## A ESCOLA FRAGMENTADA E A AUTOCOBANÇA

Leticia Cecilia de Vasconcellos Sobreiro

Cada escola sempre procura moldar seus alunos para ficarem com a “cara” da instituição, para serem seus modelos, para serem suas medalhas de vitória. As escolas não foram diferentes disso para Leticia, a criança e a adolescente que passou por oito escolas diferentes ao longo de treze anos de estudo. Ela foi sendo moldada com cada pedacinho desses diversos lugares que passou e sendo ensinada de que era capaz de superar todas as dificuldades de mudança e ser uma excelente aluna. Ela e todos os colegas de turma sempre ouviram discursos ameaçadores de como era necessário se dedicar, estudar, prestar muita atenção às valiosas aulas que frequentavam todos os dias para se saírem bem nas provas e no vestibular.

E assim o fez. Dava tudo de si, estudava antes, durante e depois das aulas; lia e fazia exercícios das apostilas de cabo à rabo e sabia que alcançaria o glorioso dez no boletim. Mas, ela nunca conseguia. Não importava o quanto se esforçasse, ela permanecia sendo a aluna mediana; ela era a aluna nota dez que nunca chegava ao

dez. Leticia e diversos outros estudantes como ela passaram anos se culpando por nunca chegarem “lá”; passaram anos se sentindo inferiores, burros e incapazes. Eles não compreendiam que suas experiências escolares e seus ensinamentos eram fragmentados, que eles não se encaixavam e que eles jamais poderiam fazer parte dos alunos modelo que estampam as fachadas das escolas com suas conquistas. Contudo, a jovem Leticia conseguiu passar no vestibular para estudar um curso que não era o dos seus sonhos de menina, mas era um caminho para quem não tinha muita escolha. Com muito medo e desesperança, ela adentrou na graduação de Letras e a cada período concluído ela ia percebendo como aquele lugar cheio de conhecimento e de professores que a enxergavam era enriquecedor. Leticia percebeu que não era necessário tirar dez nas provas para compreender e se interessar pela vida acadêmica. Pela primeira vez ela se sentiu inteligente e pode começar a costurar a escola fragmentada que existia dentro dela.

## A ESCOLA PERDIDA DO BAIRRO PERDIDO

Leonardo D'ávila

Em um bairro onde o horizonte é nublado pela violência, coisa rara é encontrar a curiosidade advinda da falta, geralmente encontra-se ódio.

No Bairro Perdido, ir pra Escola é como uma tortura, legal é jogar bola na rua.

Soltar cafifa é a própria aula prática de física.

Contar bolas de gude: Matemática.

Matar aula para ter aulas de sabedoria de rua (ou de praia), é o que há.

Regra de português? Pobrema! O que importa é entender.

Estudar que os europeus brancos descobriram nossa terra e são os salvadores?

Os aventureiros do Bairro Perdido não acreditam nessas mentiras.

Não há colônia de férias párea para as ruas nas férias.

Os aventureiros não precisam de Escola para lhes dizer o que é certo, afinal, os códigos de conduta são outros.

A sabedoria se obtém nas vivências; na coletividade se dribla a escassez.

Ninguém quer saber de química, quando o assunto diário é sobreviver.

Quem vai ousar ir pra Escola quando o som do despertador é o do helicóptero?

Quando o seu bom dia pode vir acompanhado de um projétil?

A vida cotidiana no Bairro Perdido escancara a realidade e denuncia a insuficiência da Escola, ao mostrar que quem está perdido é o próprio Sistema Educacional.

O mesmo que é regido pelos responsáveis pelas nuvens que ofuscam o horizonte do Bairro Perdido.

## AS ENCRUZILHADAS DA ESCOLA

Hélia Braz

O Pai Nosso

Ave Maria

Onde Exu e Jurema não cabia.

Situada em uma pequena localidade na zona da mata norte de Pernambuco, mais especificamente em Upatininga, distrito da cidade de Aliança. Os alunos que são recebidos na Escola Reunidas Monsenhor Marinho, são jovens e crianças da própria comunidade como também pessoas dos engenhos vizinhos que compõem parte da região. Boa parte do corpo docente são formados por ex – alunos, outra característica interessante é que de forma hierárquica o cargo mais alto o de diretor (a) basicamente se restringem a mesma família quase desde de sua fundação, tendo em vista que se trata de uma escola de ensino público poucas foram as vezes que esse cargo esteve nas mãos de outros profissionais da educação.

A escola foi fundada pelo padre Marinho, que chegou na região por volta do XIX. Consigo trouxe a ideia de emancipação da comunidade através da educação, o

que não ocorreu até os dias atuais. Formando alunos até o ensino fundamental, caso as pessoas que estudam na escola tenham interesse em continuar os estudos, devem ir todos os dias à cidade de Aliança, Cidade essa que controla através do poder político hierárquico todos os cinco distritos. A sensação que temos ao chegar em Monsenhor Marinho é que a escola parou nos tempos bíblicos e na ideia de fundamentalizar dois eixos religiosos, o católico apostólico romano e evangélico, esses são os eixos que compõem a base da doutrina imposta no dia a dia da escola, sem sequer nenhuma abertura para dialogar com outras crenças ou doutrinas religiosas.

No entanto, as encruzilhadas que traçam essa problemática são fundamentais para entender o que pode ter acontecido, e sido feito de uma escola que seria para as pessoas da comunidade uma abertura para novos conhecimentos, para um possível futuro com mais possibilidades de escolhas. Como essa escola se transformou no ambiente de rejeição, violência de gênero e principalmente violência racial e de intolerância religiosa. O homem que fundou essa escola embora tenha trazido consigo, a performance, e reproduzido boa parte do que aprendeu enquanto esteve no seminário estudando para sua formação de

padre, este homem também ao chegar na comunidade sofrerá todas as violências possíveis das pessoas que detinham o poder político da época. Não o queriam em Upatininga por se tratar de um padre **NEGRO**. Sua presença era tão invisibilizada, tanto que padres brancos eram contatados para batizar os filhos dos senhores de engenho. Resgato aqui essa passagem porque acredito ser de extrema importância para a narrativa, de alguma forma as nossas vivências têm algo em comum. Em sua trajetória de luta acreditando na educação como ferramenta emancipatória. Assim como eu estive no ambiente escolar onde Exu e a Jurema Sagrada não cabiam, Marinho esteve em um lugar onde nem seu sermão de padre, nem seu ideal de escola, nem seu Pai e Nosso, nem Ave Maria que sairá de sua boca comovia.

## AS ESCOLAS E A COMPETIÇÃO INTELECTUAL

Davi Passeri

Na escola tabuada, os números importam. Afinal, a escola não é uma ilha no mundo, e sim uma pequena parte dele feita para aprendermos a mantê-lo como está, mesmo que isso faça apenas poucas pessoas felizes. E nesse mundo os números são contados o tempo todo em carteiras e contas bancárias, eles alugam ou compram pessoas e coisas. Além disso, números são o tempo, definem os destinos dos países, conferem oportunidade às pessoas, avaliam bens e fazem cálculos desumanos destinados a levar humanidade para aqueles que foram destruídos por esse mundo que valoriza tanto esses mesmos números.

Nessa escola, os números importam. É o que define se você vai passar para a próxima etapa de aprendizado ou não, é o que te confere valor frente aos amigos, é o que faz você ser admirado. Nessa escola, o valor da profissão de sua escolha é avaliado com quantos números estarão no verso do seu contracheque. Essa realidade nem faz questão de ser escondida, pois no final há uma prova e caso seus números sejam altos eles serão exibidos em um outdoor em letras garrafais. 1000! 1º, 2º, 3º lugar!

Nessa escola, as crianças, mesmo que não entendam nada de números, são ensinadas a se importar com eles desesperadamente e caso não compreendam as matérias que os envolvem se sentem incapazes e passam a duvidar de si mesmas. Meninos e meninas saem dessa escola buscando desesperadamente entender esses números e correr atrás do prejuízo para finalmente alcançar o tão desejado primeiro lugar.

## AS ESCOLAS E A SUBESTIMAÇÃO EQUIVOCADA

Leiriele Oliveira

A vida é uma corrida solo ou em grupo?

Na escola Orlan, as pessoas viviam em competição. Uma competição desnecessária, que causa danos, danos vitalícios. Os estudantes eram medidos por suas vestimentas, aparência, desempenho e resultado. O aluno que não tirava boas notas na Escola Orlan, era comparado com os outros, era subestimado, era posto como "quem não quer nada", o "sem futuro". O estudante que não tinha certeza da profissão que gostaria de seguir, que não priorizava ingressar na universidade, era totalmente subestimado, seria mais um "sem futuro"..

Ana, aos 17 anos, não sabia qual profissão ela gostaria de seguir, e este fato era tratado como um absurdo, pois, aos 17 anos de idade, no terceiro ano do ensino médio, TODOS os alunos deveriam saber qual profissão eles gostariam de seguir para o resto de suas vidas. Ana, não sabia o que ela queria fazer após o ensino médio, ela era julgada e se sentia para trás, pois estava sendo comparada aos outros. Sentia-se atrasada, pois não tinha tomado uma decisão extremamente individual e injusta

com uma jovem de 17 anos. Alguns anos depois, Ana decidiu o fazer da vida dela, depois de algumas incertezas, a Ana está bem, está feliz e decidida. Ingressou na melhor Universidade do estado, em curso que ela jamais imaginou, somando experiências únicas e avançando a cada dia. Ana tem um futuro brilhante pela frente, não se tornou uma “fracassada”, “sem futuro” como era colocada aos 17 anos, simplesmente por não tomar uma decisão no tempo (que a sociedade determina) “certo”.

Mas, o dano causado a Ana foi a sensação de estar atrasada, a vontade de "abraçar o mundo com as pernas", fazer tudo ao mesmo tempo, pois sente que perdeu muito tempo. Porém, o que eu diria a Ana, é que ela está no tempo dela, que somos seres individuais, cada um tem o seu tempo, não existe atraso, até porque, a vida é uma corrida solo. Cada ser tem o seu tempo, pois estamos correndo em pistas diferentes, com condições diferentes, em tempos diferentes. É injusto nos compararmos com os nossos vizinhos de corrida, pois não temos acesso REAL às dificuldades da vida do outro, apenas as pedras do nosso próprio caminho.

Espera-se que as pessoas, de modo geral, parem de se comparar o tempo todo. A vida não é uma competição. Somos seres individuais, em condições, oportunidades

e realidades diferentes. O tempo é individual, olhar o outro é perda de tempo!

Que a individualidade e a autorresponsabilidade sejam interiorizadas em nós e em nossas crianças, em nossa sociedade!

Foquemos em nossa própria trajetória.

Somos consequência de nós mesmos.

O outro é apenas o outro.

E você é apenas você.

## AS ESCOLAS E A OPRESSÃO AO CORPO FEMININO

Marisol Barenco de Mello

Ao se aproximar daquela escola azul e branca, com um jardim de árvores e flores na frente, com janelas amplas e sempre abertas, o visitante não poderia sequer sonhar no tanto de corpos femininos que sofreram um específico processo opressivo. À primeira vista, ao chegar no amplo pátio, percebia-se como os rapazes eram altos e com as pernas muito longas, a ponto de passarem por cima de todos os objetos e obstáculos, e como as meninas eram diminutas, reduzidas de modo peculiar. Era como se elas fossem dobrando-se sobre si mesmas, e nesse dobrar-se e comprimir-se fossem ficando do tamanho de pequenas bolinhas, todas iguais, como aqueles tatuzinhos-bola que eram tão presentes na mata atlântica.

Se alguém tivesse se interessado, saberia que nem sempre fora assim, que cada uma delas entrara na escola Rui Barbosa com um brilho no olho e muitos desejos no peito, mas rapidamente descobriram, por troças, por socos na barriga, por beliscões, por risos e apelidos, por xingamentos, por desprezo, por isolamento, por boladas

na cara, por zombarias e, principalmente, por uma imensa sensação de estarem sozinhas do outro lado – do lado errado e torto – da vida, que não eram belas. Assim, foram dobrando-se e escondendo as partes que, segundo deduziam, eram as responsáveis por tamanha dissidência. Algumas dobraram-se tanto que agora tinham pouco mais de dois centímetros de altura, outras desenvolveram espinhos para machucar quem se aproximasse, outras entristeciam a olhos vistos – mas ninguém jamais viu.

Acontece que ninguém consegue dobrar-se sobre si mesmo em força centrípeta sem oprimir o coração de tal modo que este, em um dado momento, reage, explode, vira do avesso feito pipoca. Aqueles que visitaram a escola Rui Barbosa não tiveram notícia dos seus futuros, mas eles aconteceram. Desabrocharam em mulheres intelectuais, historiadoras, filósofas, mães amorosas, defensoras de todos os direitos de todos os seres, em gigantes desdobradas, que faziam questão de manter os vincos das antigas dobras, como monumento no corpo de uma escola invisível que, em toda chegada de primavera, ainda dói profundamente. Mas, como flores que são, neste momento dançam nuas, belíssimas que sempre foram, à luz da lua cheia.

## AS ESCOLAS E O APAGAMENTO DOS CORPOS INFANTO-JUVENIS

Emili Nogueira Santos

A escola Nossa Senhora Aparecida até parecia acolhedora à primeira vista. Quem olhasse de fora, veria a fachada amarela e colonial do que outrora fora uma igreja, um casarão, com um jardim amigável e arborizado na recepção, que ladeava um parquinho, um caminho de pedra e um pequeno lago de peixes. Ao redor da Secretaria, as grades amistosas, as lojas, ruas movimentadas, lanchonetes por toda parte. Qualquer criança, sobretudo as que vivem longe da cidade, enfunadas em pequenos quartos, gostaria de lá estudar, ao ver o balanço, o escorrega, e as flores coloridas nos arbustos. Porém, se realmente ali estudasse, perceberia que aquele parquinho parecia sempre estranhamente vazio, sem uma criança que brincasse, como um cartão postal que apenas decorava a construção. Rezava a lenda que era porque se alguma criança malcriada ali tentasse brincar, em vez de estudar, uma assombração apareceria, espantando-a, chamando-a para dentro. Aquele era um lugar sério, afinal, onde todas as crianças

aprenderiam a ser bons adultos, claro. Como soldados de chumbo, postulados e firmes.

No pátio, longe dos olhos de quem vinha de fora, as grades eram muito mais altas e menos amistosas para os estudantes, criando um ambiente ruidoso, sufocante, que comprimia os corpos infanto-juvenis em uma única massa de gritos: alguns felizes, outros histéricos. Zumbidos e boatos corriam por todo canto: diziam que, naquela escola, as crianças e adolescentes que não obedecessem a cem por cento das regras desapareceriam dali rápido, de uma hora para outra, porque a mesma assombração do parquinho viria encontrá-los, cada vez mais irritada. Talvez era por isso que, depois que o sinal tocava, como um alarme de incêndio, o silêncio era absoluto e voltava-se para o interior do prédio imediatamente. Mesmo que quisessem ir ao banheiro, beber água ou matar a fome, ao sinal ensurdecedor do fim, recolhiam-se e aguardavam o próximo intervalo, obedeciam, abaixavam as cabeças, com medo de uma ameaça invisível muito maior. Não é que tivessem vontade de estudar tanto assim, o tempo inteiro, atropelando necessidades básicas, tristezas, cansaços e amores. É que os corpos adultos as impediam de sentir emoções profundas e, apesar de estarem em menor quantidade,

eram como soldados enormes espalhados por cada canto, vigiando quem não voltasse ao prédio; por trás daquela fachada amigável e arborizada, convidativa aos deslumbrados com a vista, o banho de sol daqueles corpinhos revelava, sim, uma verdadeira prisão. Como em toda prisão, algumas celas são compartilhadas; outras, solitárias.

Nas celas, apenas o adulto falava, a maior parte do tempo, orientando como as crianças deveriam pensar, o que deveriam fazer. Era proibido que uma criança ou adolescente rebelde ocupasse o lugar do adulto, portanto, e tivesse ideias, desenhasse suas ideias, risse alto demais ou chorasse, ainda que baixinho: tratava-se logo como delinquente. Se desenvolvessem e alimentassem as próprias ideias nas celas, boas ou más, os soldados matavam-nas de suas cabeças sem deixar rastros que pudessem propagar entre as demais crianças. No interior do prédio, havia papéis, canetas, números e avaliações por toda parte, que se acumulavam e depois eram descartados no lixo, juntos às crianças que não se comportavam como o previsto. A mesma coisa acontecia quando os adultos que falavam por elas não pagavam a mensalidade da escola. Apagadas, como uma lição no quadro negro depois de copiada, nunca mais ouvia-se falar naquelas crianças

outra vez, porque a assombração reaparecia todos os dias atrás de quem não se adaptasse às regras. A quem adaptava-se, porém, prometiam viagens, dinheiro, o poder dos grandes soldados... Quem sabe, teriam até mais, pois alguns deles também seguiam regras superiores.

Havia, no entanto, algumas crianças rebeldes difíceis de apagar. Não porque fugiam, ou deixavam de ter seus boletos pagos, mas porque, ainda que fosse proibido, desenvolviam as próprias ideias e fantasias, e vez ou outra falavam alto para os colegas ouvirem-nas. Os soldados, adultos e mais fortes, tentavam continuamente matar as ideias subversivas de suas cabeças, mas toda vez que matavam, nasciam outras, e mataram várias vezes, até que cansaram de andar em círculos, porque as ideias se tornaram muito mais rápidas que eles. É tarde demais, eles sabiam. Algumas crianças ali nasceram grandes artistas, então os soldados não tinham munição suficiente para lidar com suas ideias. Mesmo mantidas atrás daqueles portões, muros e grades, não conseguiam segurá-las: com as fantasias, perderam o medo e criaram asas. Voam.



## As escolas e o perigo da padronização de comportamento



### *Uma coelhinha numa escola de lobos*

Parecia mais um dia abstrato para nossa pequena coelha, mais um dia confuso no ambiente tão temido quanto a "Escola", especificamente a Escola dos Vorazes. Ali, ela estava acostumada com as piores coisas que poderiam acontecer. Puxavam tufo de seus pelos, amarravam suas orelhas, mordiam seu pescoço, pisavam em suas patinhas, acariciavam seu rabinho sem permissão, a encurralavam pelo ambiente, onde ela não conseguiria cavar um túnel, nem fazer uma toca, nem saltitar. Ela vivia assustada e ansiosa naquele ambiente. Quase todos ali eram lobos e coiotes, com seus dentes pontudos, sons amedrontadores, garras afiadas e principalmente sem medo de ser punidos, pois não existiam predadores maior do que eles. Até os professores, em sua maioria, eram coiotes.

Mas nesse dia, aparentemente abstrato, a coelhinha foi pro banheiro se esconder de mais um Lobo e viu uma ovelha chorando

- O que houve? - Ela disse

- Fui arranhada de novo. Eu não aguento mais isso.

Foi ali, que a coelhinha percebeu que existia o sofrimento dela, sim, mas também naquele ambiente existiam ovelhas, outros coelhos, bezerras e outros tipos de presas para os Lobos e Coiotes. E que todos estavam sofrendo tanto quanto ela. Isso indicava alguma coisa. Por um lado ela não se sentia mais sozinha. Por outro, a coelhinha começou a desenvolver novos sentimentos, como "empatia" e "raiva" e começou a sofrer muito vendo as outras presas sofrerem.

No dia seguinte, ela foi procurar a pequena ovelha que tinha conhecido. Ela não estava mais lá. Tinha sido devorada pelo coiote que criou dentro de si tentando se encaixar como predadora. Tinha sobrado apenas tufo de lã pelo chão. A coelhinha chorou, chorou muito de ter visto alguém que tinha conhecido, se esforçando tanto para se tornar um predador ao invés de se unir às presas para que existisse respeito ou pelo menos uma trégua de tanta dor causada.

Então ela foi em busca de outras ovelhas, coelhos e bezerras para tentar se unir, construir laços, fazer cada um reconhecer a própria força e voz. Ela mesma não sabia se defender, mas ela sabia que sozinha não mudaria nada. Mas se juntando a outras presas, e procurando mecanismos para aumentar a força do grupo, algo poderia ser feito, poderia ser mudado. O medo pode ser combatido com coragem. E o diferente não precisa ser exterminado. Só se precisa de uma pessoa corajosa para inspirar um grupo.

No final das contas, nada mudou, as presas lutaram pelos seus direitos, ficaram exaustas, arranhadas, mordidas, perderam tufo e tufo, tiveram suas orelhas amarradas, suas patinhas quebradas. Mas agora tinham algo que antes não tiveram:

***A coragem de tentar de novo.***

Por: Ana Luiza Domingues da Silva Pedrosa



## AS ESCOLAS E O RELACIONAMENTO ABUSIVO

Ana Ramos

Na Escola Aurora, um prédio enorme localizado ao norte da cidade, onde o conhecimento deveria florescer, havia uma dor profunda. Marieta, uma jovem que era conhecida por ser encantadora, de olhos alegres, que adorava motivar as pessoas ao seu redor, vivia sob a sombra de abusos.

Lá vem o professor de física entrando na sala em que Marieta estuda. Famoso entre todas as turmas por ser um homem de palavras ásperas e gestos cruéis, ele tinha o incrível dom de transformar o ato de aprender em um martírio. Ele fazia questão de sussurrar veneno nos ouvidos de Mari, convencendo-a de sua incompetência, de que ela não era digna do conhecimento que buscava. Marieta não precisava disso, já se criticava muito internamente, mas o professor, ao invés de ensiná-la o caminho das pedras, fazia questão de criticá-la constantemente. Professores como ele tinham o dom de transformar a escola, um local que deveria ser de crescimento e descobertas, em um calabouço de angústia e desespero. Marieta, outrora uma aluna

brilhante e curiosa, encolhia-se sob a opressão constante, perdendo a confiança e a alegria de aprender.

Quem dera o pesadelo de Mari se limitasse à escola. Ao chegar em casa, sua mãe, uma mulher obcecada com sua própria imagem, fazia questão de continuar com as críticas que o professor começou. Questionava a aparência e os gostos da própria filha, achava um absurdo ela não viver o que a mãe queria para ela, afinal, foi a mãe dela que a colocou no mundo. Em troca, Marieta deveria dedicar sua vida e se desfazer de sua individualidade para ter a aprovação da mãe como forma de gratidão, era o mínimo!

Mas pelo menos Marieta fingia que ouvia e no resto do dia podia evitar a mãe, o que ela não poderia de jeito nenhum era ignorar as mensagens de seu namorado, que a ameaçava toda vez que ela demorava a responder. Ela se via no meio de uma prisão emocional, toda hora era questionada, por cada interação e pensamento. Lidar com os ciúmes dele a sufocava, e ela não via outra saída, já que ele a isolava dos amigos, familiares e todos os seus laços com o mundo exterior. Ele acabava com o pouco de autoestima que ainda a restava, ela era refém dele. Seu professor estava apenas na escola, sua mãe apenas em casa, mas seu namorado estava em todos os lugares,

não tinha como fugir dele. Como ela havia deixado o amor se transformar nisso? Até por isso ela se culpava. Em meio a tantos abusos, Marieta acabou encontrando refúgio nos braços da arte e do teatro. A escola deveria ser um lugar onde sua criatividade fosse incentivada, mas o abuso que sofria quase apagou essa chama. No entanto, no mesmo lugar em que havia física também havia teatro, onde ela podia se libertar das correntes desses relacionamentos e se tornar quem quisesse ser. Sob os holofotes, Marieta se transformava, abandonando as inseguranças e os padrões impostos por outros.

No palco, ela era uma rainha, uma bruxa, uma heroína. Ela sentia a energia do público, a liberdade de ser ela mesma, de explorar todas as nuances de sua personalidade, ela se reconheceu como indivíduo pela primeira vez na sua existência. A arte a curava, devolvendo-lhe a autoestima que lhe fora roubada. Ela aprendera que, mesmo sob o peso de palavras cruéis e expectativas irreais, podia ser poderosa.

Aqueles que a conheceram depois, não viam as dores e os traumas escondidos em suas cicatrizes. Marieta era tão forte que não deixava suas dores transparecerem, as pessoas ao seu redor só viam a beleza através de sua

arte, o que prova que não importa o quão pesado seja o fardo do abuso, sempre há uma chance de desabrochar. E assim, em meio às sombras, Marieta dançava no palco da vida, sua alma livre, sua voz ecoando como um hino de coragem e superação. Na Escola Aurora, onde os abusos tentavam 52ncont-la, Marieta encontrou seu próprio refúgio e se descobriu como uma pessoa forte, o maior aprendizado que a escola da vida lhe dera.

## AS ESCOLAS E O VERÃO

Arthur Negrão

Há um cerco torto logo acima da linha do horizonte usual de uma criança de 6, 7 anos. Para entrar na escola, não há portas, não há arames farpados ou cacos de vidro nos muros. A cidade era atordoada por um senso cortante de justiça; às tardes, faziam o ritual da quebra, iam pratos, copos, porcelanas, todos ao chão de uma vez só e nada mais era feito. Não se queria pó de vidro ou um primo feroz do enxofre, mas chifres e cutuqueiras, daqueles que quando se formam se diz: “aqui tinha energia ruim, precisava cair”. A escola, o terreno da escola translúcido, ao contrário do que o mundo podia engessar, era assim: além de qualquer lucidez. Um senso de novidade domava os corações dos percevejos nas árvores e as culpas eram uma vertigem subterrânea, indiferenciável do que deixam querubins e borboletas por onde passam. Todo o terror de conviver com crianças de outros passados não estava para ser tirado nas pétalas de uma margarida que fosse. Não havia motivo para depenar aves, esfolar ursos, decapitar alces. Da porta para dentro era uma sinfonia em coral como em todas as canções mais nostálgicas.

Entrando nesse oásis turvo – porque vinha com uma manada, uma alcateia, um enxame de pessoinhas e seus decibéis -, uma criança desavisada acharia seus amigos e estaria disposta a explorar sabendo que, em caso de areia movediça, haveria quem esticar um galho, um poste ou um cone laranja para retirá-la do vórtex. Ouviria seus pais acalmarem o dia cinco minutos antes de abrir a porta do carro para o mundo e, mesmo assim e justamente por isso, sairia com algum tipo de fé no discurso de um homem e acreditaria que seus sapatos são maneiros, que teria amigos, que não era gente o suficiente para chutar uma bola. Ouviria a verdade do discurso do homem. A verdade que, na verdade, é assim que se joga: com chuteiras, com atrito, com empurrão na mesma destreza de galinhas indo em cima de um punhado de milho para defender seu almoço. Ouviria a pergunta não uma, não duas, não três vezes. Desataria em si o engano, a fé, a criança de sua própria criança. Ficaria num limiar. Descobriria que cabe à criança o limiar, não à escola. Que cabe a ela fazer as portas, o arame farpado, os cacos de vidro.

Nessa escola, chamada por uns de Fátima, por outros de Betina, está tudo certo. Os meninos brincam. As meninas reclamam. Vice-versa. Há todo tipo de atividades, esportes, artes, mas à espreita ali naquela

não-porta, daquela não-janela está o Mundo. Ele encara a sua própria ordem, vem checar se o verão não está se primaverando, vice-versa. Se há ao menos uma hipótese de confusão de identidade, ele chega, dependendo do quanto está inseguro, e pergunta: “tu é verão ou não é?” E o verão deixa brotar uma flor na palma de sua mão, aperta o miolo e diz: “eu sou verão”.

Não acreditavam em uma geometrização do planeta, muito menos num berro, como de um animal sentindo o abate, que pudesse rasgar uma folha de papel a um quilômetro de distância. O Mundo e a escola Fátima Betina Helenasca Vanderleia Girce Gertrude Rafaelza acreditavam que havia um único hemisfério, uma única estação por vez. Verão.

## AS ESCOLAS E OS ECOS DO MACHISMO

Ícaro Valeriano Soares

Na Escola Culhão de Moura, ao chegar logo cedo, procuro minha cadeira e debruço-me na mesa cansado. O impacto das goteiras d'água sobre minha cabeça não me deixam dormir. Causadas pela forte chuva após uma tarde escaldante, conseguia-se ouvir o limpo e alto cantar das cigarras macho, e sobre elas eu pensava. No ouvir do seu cantar, que, para além do sublime amor de uma parceira encontrar, o grito forte revela-se como um cansaço, talvez até medo, e quem sabe até uma força. Força da sua presença, de sua imposição em meio ao mundo selvagem que vivencia, ao qual, quem grita mais vence e quem não vence, morre, ou no mínimo sofre. Sofre por ser mais fraco, por não ter conseguido conquistar a futura parceira e pensando melhor sofre por se sentir só, por ser diferente, isto é, sofre por não ser igual.

Assim era Culhão de Moura, sob o véu do meu olhar, no ambiente selvagem em que vivia, ali o grito mais alto vencida. No meu caso não morri, porém sofri. E, se aquele era o mínimo, ninguém chegou a viver o máximo. Quem não se destacava, adequava-se. Na silhueta das relações

sociais, sobretudo na imagem do que seria ser forte, ou ser o homem ideal, refletia-se a imposição do mais forte, de quem gritava mais, de um certo padrão na qual seus próprios inquisidores não conseguiam chegar, mas com seus altos gritos, conseguiam seus respectivos espaços. Nesse aspecto, a escola se fazia ausente, um agente cego que não tinha o objetivo de mediar esses gritos, essas forças, somente se apresentava como interventor no momento em que esses gritos representam uma certa ameaça a sua posição social e política. Não que inexistisse ajuda, mas, para consegui-la você deveria gritar, e como já disse, estava cansado.

Seu canto pode ser o mais belo, suas asas podem ser as maiores, mas inserido naquele ambiente o importante era a força do seu grito. Mas gritar não adianta se ninguém está lá para ouvir, porém na Culhã de Moura sempre havia plateia. Essa, que visualizava a todo o espetáculo, ao passo que eu também atuava nela, sobretudo composta de futuros homens, demonstrava desde cedo seus medos e frustrações, pois aqueles gritos de fúria, de intimidação, de violência do próprio gênero e da busca por um padrão que dever-se-ia alcançar, representava nada mais que um reflexo das relações sociais a qual estas crianças desde bebês estavam inseridas, principalmente com os homens com quem

vivia, seu pai, seus tios, avós, amigos, primos. Só que, mesmo sabendo disso, sentado naquela carteira, agora cheia d'água não me sentia melhor. No fim, o que me restava era gritar o mais alto que eu podia.

## AS ESCOLAS E PADRONIZAÇÃO

Klinger Mauro

Um jovem que acaba de se mudar para uma nova escola, após seus responsáveis se mudarem devido ao seu trabalho, se matricularam em uma escola chamada Santa Clara. O pequeno garoto se preparava calmamente para escola, colocava seu uniforme e pegava uma pequena maçã e saía de casa seguindo para escola. Ao chegar nela o jovem se depara com um cena que o deixou um pouco sem reação, os alunos daquela escola entrava na mesma, em filas perfeitamente retas e alinhadas , seguindo apenas uma linha que estava pintada no chão sem entender o que estava acontecendo o novo estudante apenas copia o que todos outros faziam entrava na fila, seguindo a fila logo o mesmo entra dentro da escola e lá dentro de novo aquela situação se repetindo ainda seguindo aquelas linhas no chão os estudantes seguiam para sua salas de aula como peças em uma fábrica, e o mesmo se repetia dentro das salas todos seguiam como pessoas de plástico apenas copiados umas a outras, o jovem estudante que havia acabado de chegar não entendi nada daquilo e apenas se senta em um lugar que tinha seu nome marcado em sua

cadeira, logo o professor entra na sala com uma expressão neutra que era impossível se interpretar se o homem estava feliz ou triste, raivoso ou calmo não era possível interpretar nada de seu rosto, no momento em que o professor entra na sala todos alunos pegavam seus caderno e como se tivesse ensaiado o abrem ao mesmo tempo e da mesma forma, mas uma vez assustado com aquilo o novato apenas imita os outros ao seu redor e pega seu caderno e o abre, logo o professor começa a da sua aula de forma formal e monótona como se fosse uma máquina apenas programada para aquilo e mas nada, o jovem logo se entendia e começa a olhar em volta onde se depara com uma grande quantidades de câmeras em sua sala observando e vigiado todos ali presente. Receoso com o que poderia acontecer se agisse diferente dos outros, o jovem apenas repetia tudo que os outros faziam da melhor forma que podia.

Com o tempo o jovem percebia mais e mais coisas estranhas sobre aquele lugar, a primeira coisa que notou foi que todas tinham cabelos pretos e lisos naquela escola desde os estudantes aos professores, o que acabava o deixando um pouco deslocado mas doque já tava, a próxima coisa foi que o olhos de todos eram azuis e novamente se sentia fora de eixo, pelos seus olhos serem pretos, mais e mais coisas como essas iam

aparecendo, como todos irem ao banheiro na hora exata todo dia, todas as mochilas serem exatamente iguais e todos parecerem falar da mesma forma e com o mesmo tom de voz, todas essas circunstâncias fizeram com que cada vez mais aquele jovem se sentisse estranho e isolados de todos, como se ele fosse o errado no meio de todas aquelas pessoas que estavam certas. O tempo se passam e as estações mudam e aquele jovem que antes que possuía cabelos loiros e cacheados não os tinha mais, seu cabelo agora havia se tornado preto e também liso após o alisa, tinha começado a usar lentes para ter olhos azuis como os outros a sua volta, e sempre seguia para escolar seguindo as filas sem pensar como todos, também comprara sua mochila igual a dos outros e sempre pegava seu livro na exata hora que seu professor chegava em sala, e como todos os outros repetia sua rotina de novo e de novo, como uma máquina programada para aquilo, sem pensar ou seguir nenhuma de suas vontades, apenas uma máquina.

## AS ESCOLAS INVISÍVEIS E A OPRESSÃO DO CORPO

Maria Eduarda Borges

Em uma cidade pequena no interior do Rio de Janeiro, existia uma escola chamada Aurora. Entretanto, se alguém que não fosse dessa cidade passasse por perto dessa escola, nem imaginaria que aquele lugar era destinado a educação de crianças. Aurora, era cercada por imensas e pesadas grades de ferro, com cadeados impedindo que os alunos saiam sem permissão, as regras de vestimenta eram rígidas e indiscutíveis, os cabelos deveriam estar lisos e sem um fio fora do lugar, os corpos deviam ser magros e garotos e garotas deveriam agir de acordo com o esperado para o seu gênero.

Mas, nem todos conseguiam seguir essas regras, logo, no porão desse colégio havia uma aula especial, “Como ser o aluno ideal”. Naquela sala, havia diferentes alunos, uma garota cuja o cabelo parecia a juba de um leão, um garoto gordo que não conseguia vestir o uniforme de tamanho único, e um garoto que vestia saia e se recusava a usar a calça do uniforme.

Aurora, reprovava a atitude de cada um deles, então nessa aula, cada um possuía a tarefa de resolver o seu problema, e enquanto não resolvessem, eles estariam proibidos de se misturarem com os outros alunos. E assim, eles tentaram.

Na frente do espelho, três figuras se encaravam, e tentavam se consertar, cada tentativa falha, algo quebrava dentro deles e o pensamento de que eles nunca poderiam ser iguais aos outros e nunca poderiam se misturar foi enchendo-os cada vez mais. Eles foram enchendo, enchendo e enchendo até algo explodir. A explosão chacoalhou Aurora inteira e com ela veio a resposta que eles mais precisavam.

Eles nunca iriam ser iguais aos outros, mas quem disse que eles precisavam ser? O corpo deles não deveria ter que mudar para que eles pudessem fazer parte da escola. Isso não fazia sentido. Percebendo que eles não precisavam mudar, um alívio veio junto, porque no fundo, eles não queriam mudar.

A explosão balançou Aurora, não apenas estruturalmente, fez com que todos os alunos soubessem da existência do porão, e vendo pessoas diferentes tão orgulhosas de ser elas mesmas, aos poucos os alunos que pareciam ser “perfeitos” mostraram que na verdade nem tudo era o que parecia.

Meninas de calça apareceram, e mais meninos de saia, pessoas que viviam com seu cabelo preso, soltaram mostrando que eles não eram tão lisos e tão padronizados como parecia, outras também mostraram que o tamanho único não lhe servia direito.

Com tanta rebeldia dos próprios alunos, as regras foram rasgadas e os alunos que estudavam ali, perceberam que o diferente não era tão incomum assim. E Aurora foi reconstruída pelos alunos, sendo conhecida até hoje como um lugar de recomeço.

## AS ESCOLAS E AS INSPIRAÇÕES!

Larice Gomes

Lá estavam elas. Felizes, correndo, brincando, jogando, chorando, aprendendo ou até mesmo brigando. Simplesmente sendo... crianças! Toda escola de educação infantil tem esse cenário em sua paisagem. Mas além disso, podemos ter inspirações.

Uma das rotinas da Escola de Educação Infantil Aníbal Machado, localizada no bairro do Andaraí, no Rio de Janeiro, era as crianças terem o momento da chamada, para ser registrada a presença das pequenas e dos pequenos estudantes. E alguns momentos podem se tornar muito marcantes para uma criança, até mesmo, o momento da “chamadinha”.

Tia Simone, era o nome dela, a primeira professora na vida daquelas crianças. Ela fazia o momento da chamadinha se tornar mágico. Cada criança podia participar desse momento, colocando uma ficha retangular de papel, em que continha seu nome e uma foto, em um quadro de madeira, onde se encaixavam perfeitamente cada ficha.

No meio do ano, as crianças eram preparadas para se apresentarem na festa junina. As crianças eram

ensaiadas, cada uma com seu par. No dia da festa, estavam todas as crianças com seus responsáveis, vestidas a caráter para a festa e prontas para se apresentarem. E claro, tia Simone também estava lá, feliz e orgulhosa da sua turminha. Na época, no ano de 2005, os responsáveis aproveitavam o momento para registrar tudo com as máquinas fotográficas e somente depois poderiam ver as fotos daquele momento feliz, após fazerem a revelação das fotos.

Em uma das fotos desse dia, lá estava ela, tia Simone, . De alguma forma, ela mudou minha vida. Me mostrou como é possível mudar o mundo, mas não entenda o mundo como sendo o planeta Terra, não... Quando descrevo mundo, me refiro ao mundo em que cada criança representa dentro de si.

## CIDADE SEM ROSTO

Klinger Mauro

Em uma pequena vila ao pé de uma grande montanha, existia uma grande família, a qual possuía diversos filhos, mas entre eles um se destacava, o filho do meio, era o mais sonhado e queria viajar pelo mundo para encontrá-lo, o que logo isso aconteceria. Quando o do meio chegou à sua maioridade, o mesmo tomou sua decisão e decidiu sair daquela pequena vila e ver como o mundo era lá fora, decidido o jovem arruma suas coisas se despede de cada pessoa daquela vila e começa a seguir seu rumo para o norte.

Após alguns dias de viagem o jovem viajante finalmente chegou em algum lugar novo e desconhecido para ele, uma pequena cidade com diversos habitantes, que o mesmo veio ter uma pequena inquietação ao encontrá-lo, mas acaba deixando isso de lado por achar que era apenas seu nervosismo por estar tão longe de casa. Sem pensar muito, o viajante apenas segue para uma pequena pousada próxima onde descansar para seguir sua viagem no dia seguinte. Acordando cedo e colocando o pé na estrada, o jovem viajante não demora muito para sair daquela cidade, a inquietação dentro do

mesmo continuava, mas sem entender nada novamente ele a deixa de lado. Na estrada novamente o jovem caminha por alguns dias novamente até encontrar outra cidade, ao entrar nela logo ele percebe que algo estava e errado mais diferente de antes isso era bem mais visível dessa vez, todos os habitantes daquela cidade usavam um pequeno laço laranja em volta de suas mãos, mas não ligando para aquilo o viajante apenas procura novamente um lugar para dormir para seguir sua viagem no próximo dia.

Esse ciclo se repetia de novo e de novo em cada cidade que o viajante passava as pessoas ficavam cada vez mais parecidas uma com a outras, em uma cidade todas usavam as mesmas cores de roupa, já em outra elas usavam exatamente as mesma roupas, após diversas cidade as próprias pessoas ficavam cada vez mais parecidas, não só seu jeito de se vestir, mas como falavam, andavam e até mesmo seus corpos começaram a mudar e ficarem idênticos uns aos outros e por fim na última cidade de sua viagem, o viajante se depara com uma grande metrópole onde todas as pessoas eram exatamente iguais as outras todas usava a mesma roupas e os mesmo acessórios, todos andavam seguindo linhas desenhadas nas calçadas que eram completamente cinzas com exceção da cor branca da

linha desenhada nelas, ninguém falava ou olhava para ninguém a sua volta apenas seguiam seus caminhos como máquinas que haviam sido programadas para isso e por fim seus corpos eram completamente iguais uns aos outros, suas peles eram cinzas e seus tamanhos e pesos idênticos, não parecia existir crianças ou idosos naquele lugar apenas adultos, e por fim em seus rostos não havia nada, sem bocas, nariz, orelhas olhos e completamente lisos, todos esses aspectos fez com que o viajante questionasse se todos eram realmente pessoas ou apenas manequins que se mexiam, mas isso não importava mais, já tudo que viu o mesmo decidiu que já tinha visto o suficiente do mundo e que estava na hora de voltar para sua casa. Conforme andava de cidade em cidade, o agora mais velho viajante, se maravilha mais e mais em como tudo parecia cada vez mais vivo e com cor, e ao fim de sua jornada ao avistar a sua pequena vila ao longe se sentada por alguns instantes para a admirá-la antes de finalmente volta para ela.

## A ESCOLA DOS MELHORES PÁSSAROS

Carolina Duarte

Era uma vez uma escola diferente de todas as outras, onde os alunos eram belos pássaros de diversas cores e tamanhos. Na Escola dos Melhores Pássaros, todos os alunos tinham uma única missão: voar alto e rápido. A diretora da escola, a coruja Senhora Sabe-Tudo, sempre dizia: “Nós sempre devemos ser os melhores, não podemos falhar!”.

Neste colégio, os estudantes passavam por diversas avaliações, como difíceis provas de voo e cansativas competições de velocidade. Além disso, aprendiam as maneiras mais inovadoras de planar sobre correntes de ar quente, de ultrapassar obstáculos de forma cuidadosa e diferentes piruetas. No entanto, havia um problema: alguns pássaros não eram tão bons quanto outros, e isso os fazia sentir-se inseguros e pressionados a se destacar. Mesmo que os ensinamentos da escola fossem muito úteis para a vida dos passarinhos, muitos começaram a não quererem frequentar o colégio, com medo de serem a vergonha da família e temendo decepcionar a diretora Sabe-Tudo. Outro problema era que, muitas vezes, o colégio não queria a presença destes passarinhos por

serem considerados inferiores àqueles que tinham um voo perfeito e que conseguiam executar diversas manobras. Os melhores pássaros eram os queridinhos da diretora Sabe-Tudo, ganhavam presentes, abraços e congratulações. Enquanto isso, os passarinhos inferiores eram ignorados pelo colégio, o que causava ainda mais tristeza. Mesmo que estes pássaros vistos como inferiores tivessem diversos outros talentos, como o belo canto e a facilidade de construir ninhos, tudo o que a escola se importava era que os alunos fossem capazes de voar alto e rápido. Como tudo o que importava era a qualidade do voo, os passarinhos que não eram tão bons quanto outros acreditavam que não possuíam qualidades e que seriam inúteis para a comunidade, visto que o voo é o atributo mais importante dos passarinhos.

Na escola havia uma pequena andorinha chamada Cícera. Estudante do Ensino Médio, Cícera passava metade dos seus dias ansiosa pensando sobre seu rendimento na escola. Ela não era tão ágil nem tão veloz quanto os outros pássaros, e estava sempre na sombra de seus colegas mais talentosos. Cícera se esforçava ao máximo nos treinos, mas não conseguia voar tão alto quanto desejava. Sentia-se constantemente pressionada a provar a si mesma. Se sentia burra, lerda, inútil e só

queria aprender a voar com excelência para se tornar o orgulho da diretora Sabe-Tudo.

Certo dia, enquanto se preparava para uma competição importante, Cícera conheceu um velho coruja chamado Olavo, que vivia perto da escola. Olavo era conhecido por sua sabedoria e experiência. Cícera explicou sua preocupação com a competição iminente e como se sentia sobrecarregada pela autocobrança. A coruja, com um brilho de sabedoria em seus olhos, contou a Cícera uma história. Ele disse: “Há muitas maneiras de voar alto, minha pequena andorinha, e não necessariamente as mais rápidas ou as mais altas são as melhores. Cada pássaro tem seu próprio ritmo e suas próprias habilidades.”

Após ter ouvido com cautela as palavras do velho coruja, Cícera percebeu que seu voo tinha valor e só era diferente do que era esperado pela escola. Assim, decidiu enfrentar a competição com um novo estado de espírito. Em vez de tentar ser o pássaro mais rápido ou o que voava mais alto, ela focou em voar com graça e precisão. No dia da competição, Cícera surpreendeu a todos com seu voo elegante e controlado, conquistando o primeiro lugar na categoria “Voar com Excelência”.

A vitória de Cícera ensinou uma lição valiosa para todos na Escola dos Melhores Pássaros. A autocobrança

excessiva não leva necessariamente ao sucesso. Cada pássaro tinha suas próprias habilidades e talentos únicos. Assim, o verdadeiro sucesso era encontrar e celebrar essas diferenças.

## AS ESCOLAS, AS DESCOBERTAS E AS MOTIVAÇÕES

Gabi Dáquer

Desde pequeno Arthur não sabia se era verdade, mas o que contavam sempre o maravilhava. Então isso que é o planeta? Um monte de gente que vive junto fazendo o que quer? Que? Não é bem assim? Depois de um tempo, as respostas sempre vinham seguidas dessa afirmação. Mas não é bem assim, como? Não pode querer cantar e dançar o dia todo, “Não dá dinheiro”, não pode ficar o dia pintando, “também não dá dinheiro”

Às vezes ser o que mandam que a gente seja só não é o que a gente quer, e na maré de precisar enriquecer, alcançar o sucesso a gente procura mais o sonho do outro que nós mesmos. Mas Arthur não queria era procurar nada, na escola, “desenha essa forma aqui” e já ia ele com a régua na mão, “pinta esse sapinho” e dá-lhe giz de cera e assim, com as artes, em formas e desenhos de sapinhos, a curiosidade de que formas eram essas e que bichos eram esses começava a aparecer.

No ensino-médio, as formas se transformaram em funções e os bichos em filós, “não tem como filho, uma escola com artes hoje é mais de 3 mil reais, e seus 2

irmãos?”. Onde estudava, as artes eram restritas a grafites nas portas dos banheiros e, talvez, um filme em sala por ano. Mas nunca abandonadas por ele, seja no canto do seu caderno, ou nos momentos que tinha que estar fazendo o dever de casa, estava lá, como seu refúgio contra as implicâncias na escola, as brigas em casa e todo o resto do mundo que não o agradava.

Um dia um professor de história começou a fazer um projeto com os estudantes, escrever e ilustrar um livro, “pra vocês pegarem gosto pela literatura” e lá foi Arthur se engajando nessa missão coletiva. Gostava de pintar, né, então pra ele era moleza, cada semana o professor falava de uma literatura diferentes, de todos os cantos do Brasil e do mundo, e com a literatura vinham também as artes visuais trazendo as novas culturas de encontro na sala de aula.

Ao olhar para o lado, junto aos seus colegas de projeto, e perceber quantos outros Arthures existiam ao seu redor, mobilizados pela arte em construir pra si uma possibilidade alternativa a que normalmente ensinavam a eles nas outras matérias. “caramba” e ali começou a entender o caminho que ele desejava procurar, “eu quero ser esse professor, o professor que incentiva os outros Arthurs nas escolas do Brasil”.

## A ESCOLA DE PAPEL

João Victor Oliveira

Na escola sonhos, milhares de crianças todos os dias embarcam em uma longa e aprisionante aventura em busca de seus sonhos. Astronautas, guerreiros, cantores, amores.... Vida e profissão uma doce ilusão.

Vivem vigiados, padronizados, amarrados. Cadeiras, salas, paredes, regras... São tantos anos, que os padrões não se limitam aos uniformes, mais nas individualidades se revelam.

Escola, sinônimo de profissão, papéis com números, que promovem inúmeros momentos de aflição. Colher, plantar, cantar, refletir sobre tudo, nada serve nesse caminho do mundo. A tensão da decisão, enxergar em um papel a sua própria salvação.

Ao momento de receber o resultado, olhares assustados se entrelaçam, se encontram e espaçam. A cada papel um destino modificado. A angústia sobre si, a incerteza de que após ali, terá para onde prosseguir, o poder de um papel rabiscado sobre a existência de um pobre ser atormentado.

Não teve poder de decisão, estar nessa situação é obrigação, sua vida depende dessa aprovação, um papel limitando possibilidades de criação.

Mais uma vez julgados, a prisão de papel revela uma realidade cruel.

De ser, viver, experimentar e sobretudo de errar. Histórias não cabem em papéis já escritos, a liberdade de sonhar, está além das respostas dos livros.

## AS ESCOLAS E O DESAMOR

Maria Eduarda Veras

Todos os dias, na grande escola São Salvador, sonhos, corpos e almas se reuniam no pátio. A escola era gigantesca, imponente, seus muros pareciam tocar o céu, mas a sua falta de cor entristecia até mesmo o chão de concreto. Para quem não a conhecia, fazer parte desse grande monumento parecia um sonho, mas quando esse sonho se realizava, percebia-se o pesadelo. A escola era grande, mas não lhe faltavam olhos para fiscalizar todos os movimentos, pensamentos, vontades e encontros. Até os de alma.

Aqueles responsáveis por manter a ordem na grande escola nem sempre conseguiam vigiá-la completamente, com todas as suas sombras e esconderijos. Mas isso não era um problema, contavam com a ajuda de almas mais disciplinadas. Em um conluio estratégico, quando todos os corpos desciam para o imponente pátio, olhos vigilantes e inquietos não deixavam passar os desajustados de vista. Marcados os alvos, a missão era a de corrigir todos os corpos rebeldes que insistiam em colorir a cinzenta áurea daquele lugar. E assim o faziam, dias após dia, ofensa após ofensa, chute após chute, até

drenar cada gota de amor encontrada naquelas almas que ousavam amar.

Mas, ao final daquele 3º corredor, à direita, do quarto andar, dentro de uma sala escura e úmida, atrás de uma porta pesada, havia um lugar seguro. E, todos os dias, almas se encontravam ali, para se acolherem e se armarem de amor. Não era um lugar bonito, espaçoso, ou confortável, mas suficiente para que pudessem se reconhecer, se ajudar e se fortalecer.

Um dia, quando o ritual do pátio acabara de começar, duas dessas almas abriram a porta pesada juntas e saíram daquele lugar. Não queriam mais se esconder, já estavam grandes e fortes demais para continuar cabendo ali. E se revelaram para todo mundo ver. Sem olhar para o chão, sem soltar as mãos, sem desviar dos olhares. Pagaram por isso, foram alvo de ofensas, chutes, gritos, até Deus foi chamado na história, mas se recusou a participar.

Nada as alcançou. Como alcançaria? Estavam juntas, resistentes, felizes. Ousando amar em um lugar de ódio. Nada as abalou, caminharam altivas pelo pátio infinito. Há quem diga que estão caminhando até hoje, sempre em frente, e agora acompanhadas daquelas outras que também cresceram para além do esconderijo apertado. Quem não conseguiu caminhar foram os disciplinados,

até hoje, imobilizados na inútil luta do grito. Só que agora não tem mais ninguém ouvindo, todos seguiram em frente.

## AS ESCOLAS E A DISCRIMINAÇÃO

Eduardo Castillo

Na escola da integração, um garoto recém-chegado de outra escola, de outra cidade e de outro estado, queria continuar jogando handball. Não era um dos melhores jogadores, mas executava bem os movimentos do jogo, além de ser uma oportunidade de inserção e acolhimento nesse novo mundo recém-chegado. Ficou sabendo do dia e horário dos treinamentos, se arrumou com os trajes devidos para a prática do esporte e partiu de noite para a nova escola, achou ótimo, pois poderia pegar o lanche da noite da cantina como refeição e economizar alguma grana, uma sopa quente de letrinhas. Chegando lá os meninos e meninas já estavam treinando, se assentou na beira da quadra e começou a observar, todos eram ótimos, muito rápidos e fortes. Começou a se imaginar ali dentro da quadra participando e desfrutando juntos, e em um futuro próximo estando no mesmo nível que eles, além claro, de também se tornar rápido e forte assim como eles. Quando ocorreu uma pausa se aproximou do professor/treinador animado com aquilo que vira e perguntou se poderia treinar com o time, contando de

sua chegada e que já jogava e competia pelo time de sua antiga escola em outro estado. Porém obteve uma resposta que o deixou sem palavras, o professor o olhou de cima para baixo e disse: “com esse tênis você não pode treinar aqui...”, e voltou a comandar o treino normalmente. O garoto nunca mais tentou treinar com o time da sua nova escola novamente e muito menos se tornou um atleta da seleção nacional desse esporte, mas com a ajuda de outros professores dessa mesma escola conseguiu conquistar outras coisas. Hoje esse mesmo garoto que cresceu pode até comprar um tênis caro para jogar seu antigo esporte, mas sempre é visto andando de chinelo na rua ou descalço na praia, e levando consigo a principal lição daquele dia, lutar contra discriminações e principalmente não desencorajar ninguém de seus sonhos.

## ESCOLAS COMO LINHAS DE PRODUÇÃO

Eduarda Souza

O alarme tocou às seis, mas ela já estava acordada. Ela executou sua rotina como de costume sem muita pressa, por que correr? Ela não tem pressa de chegar naquele lugar, pois ela sabe o que aguarda ela dentro dos portões. A repetição é assustadora, do primeiro ao último momento não existe sequer uma lembrança de algum dia que tenha sido diferente, copiar, perguntar, obedecer, responder para provar que aprendeu, ler livros que não proporcionam prazer e que não a fazem refletir apenas para mostrar que pode ir para a próxima etapa. A escola para ela é como uma fábrica que produz soldados que lutam pela causa inimiga, sem terem tempo para questionar a luta que estão lutando. Ela já está quase no fim, já está quase completa, quase pronta para ser mais um que precisou vender os sonhos para sobreviver. Padrões de qualidade, cobranças, responsabilidades, aparências, perfeição... isso tudo por um salário que mal vai dar pra comprar o pão. O futuro parece algo tão inalcançável e impossível que ela já não sente mais vontade de experimentá-lo. Ela se pergunta todos os dias, o que a grande fábrica escolar lhe

proporcionou? Além de traumas, inseguranças e desesperança?

## AS ESCOLAS OCULTAS

Yuri de Lima Lisboa

Há uma Escola chamada Lisbeth<sup>2</sup>, onde se aprende porque a Educação é Proibida<sup>3</sup>.

Tal Escola é tão antiga que seu nome significa “proibição” na comunicação mais antiga, da cultura mais antiga, entre os primeiros homínídeos.

As pessoas somente lembram dela quando nascem e a apodam de “curiosidade”.

Seus professores, suas professoras, são tão parte da Escola que possuem extrema empatia por cada pessoa: assim como cada filho e filha ali, aluno e aluna, esta Escola é amada, mas nunca fora planejada.

A Escola não possui brasões, heráldicas, símbolos.

---

<sup>2</sup> Lisbeth Salander é personagem coprotagonista da Trilogia Millennium, uma série de livros.

Foi escolhida por conta de um momento peculiar em que revida uma intimidação que sofria de um colega em sua época de estudante, atingindo-o com um taco de beisebol, mas também pelo fato de ter sofrido diversas outras violências quando muito jovem sem qualquer tipo coerente de ajuda de outros, da polícia ou do Estado. Apenas julgamento.

<sup>3</sup> Referência ao documentário “Educação Proibida” que critica a educação formal comumente empregada pelos sistemas educacionais, e também ao fato de que toda educação não alienante pode ser malvista, dentre outros fatores, pela tradição e sagrado quando estes dependem da manutenção do status ou da produção de alienação.

Suas paredes não são pichadas, marcadas, desenhadas. Ela é quase completamente alva, com exceção de algumas cores – vivíssimas cores, inenarráveis – inseridas prestigiosamente para acentuar os espaços – largos e altos recintos, imensuráveis.

Suas cores, para quem a ama, não são apenas vivas, mas vivem e estão em meio ao onírico albedo que anseia cegar quem a fita ao sol e não permite apenas ver: é necessário adentrar e vislumbrar.

É bonita, porém fria: ardores não são bem-vindos junto aos seus elementos que nada fazem além de coexistirem pacificamente, diferente dos calores humanos.

Fria e com o palor da própria lua, sem a amenidade da distância para mortício olho humano, faz parecer soar-se sem vida em seus cômodos.

Porém nesta Escola há Fé<sup>4</sup> e Vida: para atravessar cada recinto é necessário correr e escorrer, saltar e rolar, escalar e escorregar, pendurar-se e equilibrar-se, dar

---

<sup>4</sup> Referência a Faith, a protagonista de *Mirror's Edge*, jogo da EA Digital Illusions CE (DICE), publicado pela Electronic Arts. Faith, em tradução para o português, significa Fé. No jogo, a personagem percorre a cidade fictícia de Glass, cidade quase completamente branca, fazendo a transmissão de mensagens em resistência a um governo autoritário e utilizando manobras de parkour para chegar de um ponto a outro na cidade. A forma dinâmica de locomoção de Faith em *Mirror's Edge*, para inocentar sua irmã Kate de uma incriminação, me motivou a imaginar o curioso e idílico ambiente da Escola Lisbeth, sendo Lisbeth tanto a Vida, quanto o Universo.

cambalhota e pirueta, olhar e observar, tentar e inventar, emocionar-se e sentir, pensar e refletir, arriscar e conseguir.

Tudo isto seguindo pela trilha que o vermelho, cor viva em meio à claridade branca, lhe indicar se souber procurar<sup>5</sup>.

Lisbeth não pode ser diferente de seus alunos e alunas que mais a amam: ela não pode ser planejada. Mas também não pode ser diferente de quem mais amaria ter filhos: ela existe somente na forma de jamais existir, uma possibilidade que não pode se concretizar – ama amar, mas tal amar não poderá vir a ser.

É, para todo sempre, estéril.

Será para sempre um sonho inerte.

Em seu pátio, alunas e alunos trocam mensagens mudas porque aprenderam a gramática da telepatia, a verdadeira linguagem de quem sabe ouvir.

Os olhares são de cuidado e zelo, não há placas de sinalização porque há sempre alguém cuja face indique o trecho a se evitar, sem levantar a voz: alguém lhe

---

<sup>5</sup> Tanto uma referência, em *Mirror's Edge*, em que o jogador pode ser guiado pela coloração vermelha de objetos que lhe indicarão qual percurso deve fazer, quanto referência ao “redshift” – desvio para o vermelho – da Astronomia, fato que demonstra a expansão do Universo, enquanto a ignorância limita todo conhecimento à apenas aquilo que se conforma ao ego.

tomará pela visão ou ao toque gentil a atenção que necessita, porque em Lisbeth as pessoas não caminham, mas arriscam-se os caminhos entre lugares como antes descrito, de modo que há sempre a preocupação de uma ajuda necessária, algum tombo ou ferida a tratar, pois desde sempre se aprende a ser responsável e o maior primor desta dádiva é justamente o cuidado ao próximo. Outro maior será eternamente inexistente.

Nesta Escola, os livros não dão trégua à imaginação e sempre se reinventam, pois Literatura é lecionada sempre por pessoas cegas<sup>6</sup>.

Lisbeth é uma Escola porque nela reside um Enigma: qual a Solução do Enigma?

Todos a conhecem, mesmo os que não sabem<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Referência a um conto genérico sobre o “surgimento da Literatura”: “Na rua de uma cidade que vigorava um fustigante inverno, havia um pedinte na sarjeta com uma placa: CEGO DE NASCENÇA. Um transeunte que nada possuía e compadecido com a dificuldade do cego de arrecadar mantimentos, deu-lhe outra placa com a qual passou a conseguir, pouco a pouco, o necessário para sobreviver ao frio inverno. Estava escrito: A PRIMAVERA CHEGARÁ E EU NÃO VEREI AS FLORES”. A nova placa cativa os verdadeiros cegos a enxergarem. Significa que livros se leem “com o coração” e é necessária sensibilidade, não olhos, para compreender a Literatura.

<sup>7</sup> O ato de pensar; o pensamento em si. O raciocínio é a solução de todo enigma e o enigma de toda solução. Esta ideia representa o bom paradoxo da curiosidade satisfeita por uma resposta e de uma nova curiosidade nutrida por novas perguntas possíveis de serem feitas, graças ao novo conhecimento que a resposta anterior trouxe consigo.

Esta é uma Escola Invisível, embora reflita imensamente o menor brilho que lhe incida.

A verdade é que a maior parte da luz é invisível, de fato. Ainda assim, o tamanho desta Escola é infinito e nem a mesmo a luz a percorre por completo, até mesmo se perdendo ao passar por perto de alguma lâmpada queimada – mas sem jamais saber onde poderia chegar<sup>8</sup>. Lisbeth, no entanto, é invisível como Escola e impossível como Fato.

---

<sup>8</sup> Obviamente, falo do próprio Universo, o estudo do Cosmos como sentido para a curiosidade e o conhecimento, portanto, para o aprendizado. Desta forma, não é um fato sua existência tal como é, porque o conhecimento científico é simplesmente ignorado por grande parte da humanidade.

## AS ESCOLAS E O CÉU

Yuri de Lima Lisboa

Em Cammillha<sup>9</sup>, se obedece porque há educação e respeito.

Muitos de antigas gerações a idolatram pela disciplina, mesmo sendo considerada uma das piores do mundo por alguns – e, em seu auge de matrículas, por todos.

Mas seu nome é um mistério para todos os que o pronunciam.

Mesmo os mais antigos não conhecem sua origem.

“Por que tantas letras?”

“Vem de qual idioma?”

“Talvez pagã, melhor não saber”

“Por que não trocamos para um nome cristão? Com um nome desses é óbvio que algo vai dar errado.”

---

<sup>9</sup> Camilla Salander é personagem do livro “A garota na teia de aranha”, da Trilogia Millennium. É irmã e antagonista de Lisbeth Salander no livro. É curioso que em uma inspiração uma irmã queira salvar a outra e na outra referência, matar. A escola Cammillha, por outro lado, é tanto referência ao antagonismo das escolas representado por irmãs que se odeiam, quanto ao fato de uma escola poder parecer um presídio em certos aspectos, também possuindo a mesma quantidade de letras que a palavra “Carandiru”, antigo presídio que já foi modelo e aberto para visitação pública, chegando a ser considerado cartão postal de São Paulo – literalmente.

A tradição é estranha até em sua própria conveniência e prefere dizer coisas mesmo não conhecendo seu significado ou sentido – e, mesmo repleta de palavras sem sentido, insere outras.

Alguns dizem que é uma língua antiga, mas esquecida eras atrás.

Agora restam apenas alguns nomes com os quais aquela antiga língua batizou terras nas quais outrora existiu.

Tempos atrás, Cammillha chegou a ser uma das maiores escolas do mundo.

Na época, a juventude de seus alunos era mais tímida e apenas tomava banho de sol no pátio durante o recreio.

Hoje em dia, a geração é outra e a juventude brinca entre seus pilares, visita suas exposições.

Assim, há gerações, esta escola é de alguma forma, um modelo. Talvez por isso, seu exemplo hoje é o mais comum para maior parte dos projetos educacionais.

A escola possui muitos símbolos com que valida sua educação.

Há o símbolo do Estado, da Lei e da Ordem, além de diversas formas de arte pintadas com tinta vermelha.

Cammillha é o tipo de escola para um grande público, embora, por vezes, pouco diverso.

Movimentada, em meio a requisições e sugestões, é sempre firmemente inabalável em sua estrutura e propósito educacional.

As pessoas frequentam assiduamente suas aulas.

É como se não pudessem sair do lugar.

Os discentes evitam a troca de olhares, comem as palavras e refreiam opiniões.

Não se vêem lágrimas, rubores, fraquezas, erros: a virtude é perfeita e pacífica nos seus corredores.

É considerada, por muitos, solícita aos alunos, pois quando alguma aluna ou aluno se muda repentinamente de cidade, um presente lhes é dado.

Por tradição, sempre um mesmo item de acampamento<sup>10</sup>.

Em Cammillha, as dores são amenizadas pelo silêncio.

Tamanha sabedoria ancestral é admirada por muitos há gerações e frutificará, provavelmente, por milênios.

Todos os alunos e alunas nesta escola invisível conhecem bem um dos dois tipos de infinitos, aquele que não está oculto, mas tão imperscrutável quanto os caminhos do Senhor.

---

<sup>10</sup> Referência aos sacos de dormir, para acampamentos, e os sacos “body bags”, de transporte de cadáveres – em 1992, houve um massacre no Carandiru, o mesmo que fora um presídio modelo outrora.

Porém, do outro infinito nada conhecem, pois este outro, com muito, é pouco<sup>11</sup>.

Este é o modelo de escola mais perfeito que existe.

---

<sup>11</sup> Referência a uma frase de Albert Einstein: “Duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana. Mas, em relação ao universo, ainda não tenho certeza absoluta”. A escola em que fiz o Ensino Fundamental se chamava Escola Municipal Albert Einstein e sempre admirei esta frase de Einstein. Por mais que se estude, o conhecimento é ínfimo face ao que é possível aprender, talvez infinitamente, na Ciência, na vida em si. Por outro lado, parafraseando Niels Bohr, achar que há uma verdade e que se está em posse dela é a origem de todo mal da história humana. Um mal, com certeza, infinito.

## JANELA

Fernanda Kelly da Silva Chagas

Doía olhar para a janela de casa. Pensar em tudo o que eu poderia ter sido. Isso se a vida não passasse rápido, tão quanto os ventos fortes que batiam as cortinas desta mesma janela na chuva de ventos fortes em pleno verão. O cheiro de terra molhada, a grama escorregadia e o ar abafado traziam consigo a oportunidade de eu me sentir eu, de sentir que a minha criança ainda existe. Depois de todos esses anos.

A infância para muitos é um luxo que não se podem ter. Eu não tive. Escolhas erradas, o tempo, os responsáveis por ela. A criança. A epítome dos meus problemas. Uma criança que não foi feliz causou um estrago em uma vida inteira. Uma adulta vazia, vivendo por viver. O tormento maior é viver com as lembranças. As lembranças de pessoas nas quais eu não devia temer, mas que estavam no olho do furacão que estava presente na tempestade que existe dentro do meu ser.

O barulho das gotas de chuva caindo no chão pareciam cada vez mais longe, meus ouvidos não conseguiam mais escutar nada à minha volta. Meus olhos não enxergavam mais a janela, a liberdade. O lembrar me

consumiu, me vi aos 10 anos nas condições puramente cinzas, mas que não me remetiam à chuva que via pela janela. Dor era o que eu senti e sentia somente pelo lembrar. O chicotear das cortinas alertava-me que o furacão parecia cada vez mais perto de me consumir de novo, cada vez mais perto. De repente, talvez não tão de repente assim, sinto algo me puxar. Uma voz tão doce que fez toda a tempestade cessar.

— Mamãe?

Ao virar e me deparar com os olhos negros preocupados da pequena, logo me recompus. Sorri. Um sorriso amarelo que escondia o marejar dos meus olhos. Logo, ela sorriu também. Um espelho de mim mesma. Seus lábios finos repuxaram um sorriso banguela, um sorriso que curou a torrente incessante e incontrolável dentro de mim.

Apenas um sorriso.

Com incerteza sobre minha resposta, ela segurou a barra do meu vestido e perguntou:

— Posso tomar banho de chuva?

Dessa vez, de verdade, eu sorri.

## JARDIM DO SABER

Brener de Freitas de Figueiredo

No Jardim do Saber todos os dias jardineiros se dividiam em horários para regar as flores, uns com mais carinho e capricho deixando as flores sempre ricas, outros com pressa, desleixo e má vontade já outros com ódio, perversidade e pouca empatia.

Todas as flores passavam pela estufa, a estufa é o local onde as flores são plantadas, germinadas e crescem antes de irem para o vasto jardim que existia lá fora, com flores lindas, vibrantes e cheirosas, porém nesse jardim todas as flores eram iguais, umas mais cumpridas, outras com as pétalas com a cor mais vibrantes que outras, mas no final todas eram iguais.

Periodicamente as flores da estufa iam compor o jardim e outras iam para a floricultura fazendo com que o jardineiro planta-se outras flores na estufa para repor as que dali saíam, era um momento de alegria para uns e tristeza para outros, pois significava recomeço a todo trabalho, exigindo cuidado e atenção dos jardineiros com a flores, pois sua atenção nos primeiros períodos seria crucial para o desenvolvimento delas, e assim se deu inicio, as sementes foram plantadas e todo os dias

de hora em hora trocando de turno os jardineiros iam e molhava cada muda de flor.

Entretanto com o passar do tempo os jardineiros foram percebendo que uma das mudas que estava nascendo era diferente das outras, ela tinha folhas em seu caule, tinha espinhos e era intensa, isso causou certo estranhamento aos jardineiros pois todas as sementes foram plantadas de uma mesa safra, mas a única resposta possível foi que tais sementes se misturaram e eles não perceberam na hora do plantio. Um dos jardineiros decidiu continuar a cuidar da flor para observar seu crescimento, outro decidiu cuidar só por cuidar já o outro decidiu parar de cuidar, afetando assim o desenvolvimento da flor.

Na estufa tinha um furo e naquele período em que se fazia sol na manhã e chovia a noite era o suficiente para que de pingo em pingo a água da chuva molhasse a flor, compensando o horário em que um dos jardineiros não ia molhar e através desse mesmo furo a flor tinha contato com a luz do sol por um curto período, ele mesmo com ódio molhava e cuidada de todas as flores que ali estava menos a diferente. A flor foi crescendo, se desenvolvendo e se tornando a mais linda de todas as flores que ali estava, ela era de uma cor vibrante, com um cheiro diferente das outras, com sua proteção que

era os espinhos, mas tão delicada quanto a brisa de vento, sua cor era vibrante mas tinha um toque dramático, intenso e forte como o sangue. A flor por muito tempo se sentiu desconfortável, invalidada e subestimada pelo jardineiro e por suas companheiras sendo diferente das demais, por ela não saber seu potencial e seu valor muitas vezes ela se invalidou ao não se achar uma flor bonita e atraente como as outras. A temporada chegou ao fim e assim como era determinado uma parte ia para o jardim e outra para a floricultura, tentando se livrar da flor diferente os jardineiros optaram por a colocar ela à venda para que o jardim não ficasse “feio”. Ao ser colocada a venda muitas pessoas a estranhou por ser diferente das demais, até que um dia uma jovem senhora decidiu comprar a flor, todos a julgaram e não a entenderam do porquê de levar uma flor tão diferente, mas essa senhora tinha um casa um jardim, tão grande e diverso quanto a da floricultura, ali havia flor de todos os jeitos, tamanhos, cores e intensidade, a flor de cor sangue foi plantada perto de suas iguais no jardim dessa jovem senhora, mas cercada por flores diferentes, e foi ali que ela entendeu sua beleza e percebeu que para um jardim ser belo as flores não precisam ser todas iguais, pois suas diferenças tornam elas únicas e que é necessário que os

jardineiros a flores tenham conhecimento que a diferença é linda e que eles não tem o poder e nem o direito de atrapalhar o crescimento de uma flor e sim de cuidar de cada uma de forma única.

## AS ESCOLAS E A PRESSÃO DE SER EXTROVERTIDO: A SOLIDÃO DA MULTIDÃO

Lucas Bitencourt

A segunda iniciou se cinza, com muitas nuvens no céu e um clima abafado, como quase sempre ele chegou atrasado, os muros da escola pintados com crianças brincando apertavam o coração, o grande portão bege era um grande portal onde as inseguranças começavam, ouvia de longe o Hino e se direcionava para o final da fila. A professora observará com depreciação, a subida para sala era sempre uma confusão com muitos barulhos e conversas, mesmo assim seguia encantado pelo chão, a sala restringia a sua visão naquele grande quadro branco, que sempre o prendia por demorar a escrever, sentado na carteira da frente tentava interagir com o garoto brincalhão, mesmo que o custo disso fosse uma brincadeira sem graça, a mesmo que procura por atenção era devorado por aflição, na educação física foi o último escolhido na queimada, com muito esforço tentou correr da bola, mas parecia que o branco e vermelho do alvo o cercava e novamente foi primeiro a sair.

O recreio se iniciava, o barulho e a correria recomeçaram, ultrapassaram a sua vez na fila, no recreio ele ficava sentado isolado lanchando debaixo da árvore, uma parte da turma estava brincando de pique novamente, o balanço vermelho virara seu refúgio, observará o céu, as árvores e canto dos pássaros, por um lado ele sentia confortável em meio a todo aquele caótico espaço, a paz termina ao tocar do sinal, a turma se dirigia para sala sempre em fila, onde furavam novamente a sua vez, na aula de matemática, a professora resolveu que todos deveriam ir até a sua mesa e falar a tabuada em voz alta. Em sua vez logicamente esqueceu quanto era seis vezes seis, no desespero começou a contar nos dedos quando era, e novamente virou motivo de piada. Parecia que cada dia naquele espaço havia setas e olhares, esperando cada erro que ele cometesse. Lembro que na alfabetização reclamarem de sua leitura, que por usar óculos obrigatoriamente teria que ser o mais esperto, que a letra deveria ser a melhor, além de ter que escrever com a mão certa, as setas nunca sumiram, apenas ele começou a ignorar, mesmo que para isso tenha que esperar o último sinal.

# CLUBE DOS OTÁRIOS

Lucas Trajano de Lima Melo

## PARTE 1

A alguns dias Sofia não fechava os olhos mais que quatro horas. A nova escola era o motivo, sua barriga dava cambalhotas e sua cabeça borbullava pensamentos imaginando seu primeiro dia no ensino médio. O tão temido dia havia chegado, mesmo com sono correu para não chegar atrasada, queria passar despercebida, então se quer ousou ir ao espelho se arrumar, pôs o casaco e saiu, quanto maior a discrição, melhor.

Na porta da escola sentiu sua respiração ansiar, parecia ter corrido meia maratona, seu coração se ritmava no solo de John Bonham em Moby Dick do Led Zeppelin. Ela suspirou, a escola era enorme, seus olhos mal conseguiam enxergar seu topo ou sua extensão, sentia estar subindo a escadaria para um templo, no caminho olhares lhe fitavam em sutis ameaças, era o seu cartão de visitas. Ao entrar parou ao meio do pátio, os altos prédios pareciam se esconder nas nuvens. Tinham um tom cinzento, metálico e sem vida, sem movimento,

monótono, com avisos e quadros com fotos de jovens brancos que eram destaques do último ano.

Tinha tantas pessoas quanto um mercado de pulgas no domingo, com entradas que davam para corredores tão extensos quanto túneis. Um labirinto com centenas de adolescentes de uniformes iguais mais parecendo soldados indo assumir seus postos, correndo em direção as salas para não se atrasar.

Ao passar por um dos corredores, Sofia sentiu a hostilidade impregnando o ar, o vozerio açoitava seus ouvidos, seus ombros encolhidos transpareciam seu medo, ela sabia que se tornava uma presa fácil. O corredor tinha dezenas de portas, ela olhava no celular buscando sua turma, era no terceiro andar. Observava ao redor estudantes entrando com lamúrias nas salas como se estivessem voltando ao cárcere. Ela apressou o passo, encontrou as escadas, mas se sentiu vigiada, entre o enxame, olhos lhe julgavam, outros lhe despiam, as escadas não eram seguras, eram escuras e os meninos pareciam se aproximar com malícia.

Estava suada, parecia ter subido uma torre, passou por um menino sentado na escada chorando, suas coisas estavam nos degraus, uns óculos e um compasso, sua boca com um corte tingia sua camisa com pequenos pingos vermelhos, seu coração apertou.

De repente um sinal estrepitoso soou, estava na hora da aula, havia chegado ao seu andar, mas o corredor já estava deserto, apenas com vestígios de provas de matemática e redações transbordando as lixeiras. Ao entrar na sala, deparou-se a uma solitária com superlotação, sem janelas, com paredes brancas, um frio polar e um silêncio agonizante. Uma plateia de olhos a acompanhou até a carteira. O professor, o único adulto que encontrou até ali, parecia ser uma máquina movida a café, que apesar da postura ereta e das roupas impecáveis, seus olhos tinham pequenos bolsões roxos. Sua voz carregava a melancolia de uma alma penada. Os alunos eram como prisioneiros postados em fileiras milimetricamente ajustadas. Todos escreviam sem olhar para os lados, sem conversar ou interagir, apenas preenchiam um livrinho de exercícios. Um menino ao lado de Sofia tentava escrever, mas tinha dificuldades, parecia não ser destro, seu desconforto mexia com ela, porém se sentia inútil para ajudar. Sofia olhava para o livro e coçava a cabeça, aquelas equações lhe arrepiavam, pareciam ser impossíveis de serem respondidas, não se sentia capaz. Ela procurou o relógio, o ponteiro se movia com sofreguidão, com certeza haviam se passado 5 anos enquanto ali na sala, passou-se apenas uma hora e meia. A porta era a única

rota de fuga, mas aquelas paredes pareciam sugar a vitalidade e o professor, como um dementador, o resto da felicidade, não tinha forças para tentar escapar.

## PARTE 2

Para seu alívio o sinal tocou, acabou a aula, era hora do intervalo, todos pareciam recuperar um pouco de energia que lhe sobraram para fugir o quanto antes. O professor por outro lado, sentava-se como se estivesse em um looping de tortura, acorrentado como um prisioneiro aquela sala. Sofia pensou em dizer algo, mas sua timidez fazia apenas observá-lo, como em um balcão de bar, tomando seu café num gole, mas um aluno se aproximou e encheu um copinho para acompanhar o professor que o recebeu de bom grado.

No corredor, Sofia se espreitava entre os estudantes, buscava um lugar que não a intimidasse, desceu pelas escadas enfrentando uma horda que fazia o caminho inverso. De volta ao pátio, aquele lugar lhe afogava, se sentia pequena em um mundo de gigantes cruéis. Via pessoas sendo agredidas, xingadas, jovens acuados e indefesos, com olhos tremendo ao ver punhos se aproximando inevitavelmente de seus rostos. Seu peito apertava, sua respiração ofegava, sentia-se naufragando

em um mar de medo. Ela correu para um banheiro, felizmente estava vazio, molhou seu rosto, inspirou fundo entre lágrimas copiosas e entrou em uma cabine. Por dentro ela estava pichada, com dizeres horríveis, “Volte para senzala, neguinha”, “Juliana, balofa” e desenhos que Sofia preferiu não olhar. Ali não era o seu lugar, aquela cabine, aquele banheiro, aquela escola.

De volta ao corredor, Sofia pôs o capuz e começou a procurar a saída, viu uma menina levar um soco na barriga, sem mais, nem menos, seu coração saltou a garganta, era a gota d’água. Ela sentiu-se um alvo, precisava encontrar um lugar para se esconder, entrou em uma sala sem nome, pensou estar vazia, mas pelo contrário. Estava cheia, mas não era assustadora. Sofia viu adolescentes como ela, algumas meninas eram negras, outras gordinhas, algumas bem magrinhas. Jovens muito altos e outros muito baixos. Alguns usavam óculos e tinham espinhas, uma menina usava luvas, enquanto outro garoto segurava um fantoche.

Sofia entendeu na mesma hora, era um lugar para quem não se encaixava. Uma menina de bandana se levantou, lhe ofereceu um sorriso. “Bem-vinda ao Clube dos Otários”. disse enxugando suas lágrimas e convidando-a se juntar.

Sofia agradeceu e sentou observando sua volta, ver aquela sala colorida, repleta de livros de livros e desenhos nas paredes, fez se sentir parte daquilo, estava segura. Seria três longos anos, mas talvez pudesse sobreviver.

## LUGAR SEGURO?

Lucas dos Santos Silva

Gritos. Berros. Gestos. Nada resolvido.

Quando se vive em um ambiente hostil, com brigas demais e diálogos de menos, respirar o ar fora dele pode ser libertador, ainda que momentaneamente. Assim era a casa de Leo, um lugar que ele não conseguia enxergar enquanto seu próprio lar. Para um jovem como ele, a escola era o refúgio possível. Era para lá que ele deveria ir de segunda a sexta e permanecer em horário integral. Ao cair da noite, Leo ia pra cama e desejava dormir rapidamente para que o dia seguinte logo chegasse e ele pudesse sair. Ele ansiava pelo curto trajeto de sua casa até a escola, desejando logo ouvir o "bom dia" do porteiro que mais soava como um "bem-vindo de volta". Enquanto se dirigia para lá todas as manhãs, sentia o peso das tensões familiares se afastando, substituído pela expectativa de um dia tranquilo e bom para viver. Os colegas de classe, os professores, a bibliotecária, o porteiro. Provavelmente essas pessoas representavam uma parte do que poderia significar afeto, família, laço ou algo do tipo. Era difícil dizer que a escola era sua segunda casa, porque no fundo ele não sentia ter uma

primeira. Ele encontrava consolo na rotina escolar, nas obrigações que lhe eram atribuídas e na sensação de fazer parte de uma comunidade acolhedora. Pertencer era o bálsamo de sua alma perturbada.

"O melhor lugar do mundo não poderia ser perto de quem supostamente nos ama? Seria o lar esse lugar?" Não se sabe. A escola não era um lugar perfeito, mas com certeza era seguro.

## A ESTRELA

Maria Julia Thomaz Breyer

Na pequena cidade de Carazinho, onde a névoa abraçava as ruas estreitas, vivia uma jovem chamada Aurora. Ela era uma estudante dedicada, mas um peso oprimia sua mente a cada décimo de milímetro abaixo da perfeição.

As noites eram preenchidas por longas horas de "estudo" enquanto o restante do mundo dormia. Seu olhar cansado era reflexo das madrugadas em claro, buscando incansavelmente alcançar o padrão que havia fixado para si.

No entanto, à medida que as folhas dos calendários caíam, a alegria de aprender se tornava uma sombra pálida.

Aurora se viu afundando em uma melancolia silenciosa, onde as expectativas pesavam mais do que a falta de notas perfeitas.

Quando serei o que me disseram para ser?

Como?

Onde?

Por qual motivo?

Certa noite, enquanto olhava pela janela embaçada, avistou uma estrela solitária, brilhando com uma beleza solene. Foi como se ela sussurrasse em seu coração, lembrando-a da simplicidade dos caminhos imperfeitos. A partir daquele momento, Aurora começou a enxergar a beleza nos tropeços, nas pequenas vitórias e nas lições aprendidas na jornada. Descobriu que a busca pela perfeição a havia cegado para o encanto das descobertas e do mundo.

Naquela cidade enevoada, o coração de Aurora encontrou um lugar de descanso.

Ela aprendeu que a verdadeira riqueza do conhecimento está na jornada, não na linha final.

E assim, a melancolia que antes a sufocava, transformou-se em uma melodia suave, lembrando-lhe que a beleza reside nos ruídos inevitáveis da vida.

## MENINA ZUMBI

Maria Rita Gomes Costa

Numa escola de pessoas vivas, estudava Mel, uma menina morta, mas que estava viva. A escola era comandada por pessoas populares, olhavam para Mel com desdenho, o que essa menina estava fazendo ali junto a eles? Mel fazia suas coisas em silêncio, só falava quando precisava, quando muito precisava. Ela tinha sonhos, dançava e tocava piano, tudo em segredo. Ela se comparava com todas as meninas, não se achava digna do seu lugar. Os espelhos da escola refletiam a sua palidez, juntamente às olheiras profundas, que carregavam as noites mal dormidas por não se sentir bem em sua própria casa.

Ninguém a conhecia, passavam por ela sem ao menos cumprimentá-la, como se fosse invisível e era o que ela acreditava. Fizeram ela acreditar. Ela apenas se destacava com suas notas, era inteligente.

Um dia ela deu de cara com um menino que mudaria sua vida. Lui era o nome dele, faziam aulas de matemática juntos. Ela o notou quando ele estava escrevendo em seu caderno, os cabelos cacheados brilhavam como o sol que entrava pela janela. Mel,

então, começou a se questionar se era digna de tentar se aproximar. Tentou.

A partir daquele momento ela conseguiu se imaginar sendo amiga de alguém, imaginou uma cumplicidade e ficou, por alguns instantes, feliz. Ele não a ignorou, respondeu-a, o básico, até porque ela só havia perguntado sobre qual era o dia em que estavam. Essa resposta, o mínimo, foi o que a encheu de esperanças. E eles viraram amigos, estudavam juntos, ela o ajudava com os deveres. Qual seria a definição de amigo? Mel não sabia, então achava que por ele não ter fingido que ela era invisível, e não ligado para o fato dela ser diferente de todos, já daria a ele esse cargo. Os dois conversavam, sempre poucas palavras, estudavam, apenas, mas ela estava radiante, começou a fazer planos e achar felicidade na vida. Quando foi perguntá-lo sobre saírem juntos após a escola, para estudarem, como ela via as crianças fazendo e sonhava com a vez dela. Ele negou. Ela não entendeu e iria perguntar novamente no outro dia. No outro dia, esperançosa, chegou na sala e se deparou com outra menina, viva, ao lado dele e foi completamente ignorada. Sentiu de novo todo o seu passado. O que ela tinha que a Mel não teria em dobro? Um coração batendo e pulmões que funcionem? Desnecessário! Nada demais!

Quando tocava uma vela acesa na cabeceira de sua cama carecia de seu calor, não sentia dor, se qualquer objeto cortante tocasse nela, não haveria dor. Pode ser verdade que a menina vive e que morta Mel está, mas não deixava de sofrer e no seu rosto alguma lágrima iria virar fogo ardente em sua pele pálida, e essa dor ela sentirá. Se ele pudesse ao menos notasse o seu caráter excepcional, ele a conhecia tão mal, superficial, não deu tempo. Ela tinha tanto a oferecer, se dessem chance, uma que fosse. O coração dela não existia, mas mesmo assim se partiu ao ver sua esperança indo embora e ficando, mais uma vez, morta e invisível para todos.

## AS ESCOLAS INVISÍVEIS E A PADRONIZAÇÃO DE COMPORTAMENTO

Nina Carvalho Murad

Numa escola padronizada,  
que se chamava Eutanásia,  
onde meninas são enfeitadas,  
tentam ser encaixadas,  
dentro de uma caixa.

Numa escola padronizada,  
chamada Eutanásia,  
cercada de quadras, pinturas e esculturas,  
inspiradas em Santas, freiras e imaculadas,  
recatadas, sem voz e oprimidas,  
mulheres reais nunca serão “escolhidas”.

Numa escola padronizada,  
mulheres mais largas e fartas,  
meninas felizes e cacheadas,  
nunca serão vistas e visadas,  
mas na escola chamada Eutanásia,  
meninas maduras, retas e não largas,  
“ditas femininas”, brancas e magras,

sempre serão endeusadas, vistas e visadas.

Molha cabelo, seca cabelo,  
penteia cabelo e molha novamente,  
para tentar se encaixar num padrão,  
onde nunca será feliz e aceita,  
com sua real beleza linda e singular.

Tentaram te matar por dentro,  
mas você não deixará,  
pois juntas seremos mais fortes,  
lindas e com nossa beleza singular.

Preta, indígena e branca,  
parda, iluminada e com luz,  
sua beleza particular,  
com suas ondas e cachos,  
que naturalmente seduz.

Mas menina mulher não se engane,  
e por muito menos não se deixe levar,  
Pois sua beleza rara, única e bela,  
para todos não será.  
Sua beleza rara, única e bela,  
será somente para quem a mereça, respeite

e que muito a apreciará e saiba valorizar.

## O PESO DA PERFEIÇÃO: UM CONTO SOBRE A ESCOLA E A AUTOCOBRAÇA

Ana Letícia Brito dos Santos Costa

Havia uma escola no coração de uma pequena cidade, onde os estudantes eram conhecidos por seu comprometimento com o sucesso acadêmico, tornando o ambiente muito competitivo. E, entre todos eles, havia uma jovem chamada Luma, uma estudante exemplar que estava no último ano da escola, e sempre sentia o peso das expectativas em seus ombros.

Desde muito cedo, Luma se destacou por sua inteligência e dedicação. Ela era incrível, mas não demorou muito para que ela percebesse que o mundo ao seu redor esperava mais dela – ou pelo menos ela achava que sim. Os professores da escola, seus pais e até mesmo seus amigos frequentemente a elogiavam, mas esses elogios eram muitas vezes entendidos por ela como expectativas a serem alcançadas. A cada nota que não era um 10 perfeito, Luma sentia como se tivesse decepcionado alguém, sem pensar no que aquilo significava para si própria. A autocobrança estava sempre presente, acompanhando-a em cada prova,

apresentação ou exercício. Ela não aceitava nada menos que a perfeição.

Essa pressão sobre Luma começou a afetar seu bem-estar. Ela passava noites em claro estudando, deixava de sair com seus amigos à noite – no auge dos seus 18 anos – para ficar em seu quarto estudando, estava se alimentando mal e se afastando aos poucos das pessoas de seu convívio. Ela havia se tornado uma estranha para todos, até mesmo para si. A questão implacável pela excelência estava lentamente deixando uma jovem, com a vida inteira pela frente, sem gosto pela vida.

Em uma noite, enquanto estava trancada em seu quarto estudando para mais uma prova importante, da matéria que ela menos gostava e que mais se sentia desafiada (física), Luma começou a sentir algo estranho. Seus braços começaram a formigar, a respiração ficou ofegante e seu coração cada vez mais acelerado. Ela já havia escutado sobre isso, mas nunca tinha vivenciado: era sua primeira crise de ansiedade. Luma ficou muito assustada e passou um flash em sua mente de toda a sua vida, parecia que estava prestes a morrer. Correu para chamar seus pais, que estavam em outro cômodo, e foram direto para a emergência para tentar acalmá-la. Aquilo não era a vida que ela queria.

A partir desse dia, Luma percebeu o quanto essa rotina era terrível e decidiu, finalmente, buscar ajuda profissional. Passou a frequentar terapia para aprender a lidar com sua questão pessoal e para entender que aquilo era fruto do ambiente escolar e da sociedade que estava inserida, ou seja, era o caso de outros diversos alunos também. O sentimento era válido e não vinha do acaso, mas poderia ser controlado e entendido.

Assim, a história de Luma com a autocobrança no ambiente escolar e como ela finalmente encontrou um caminho para lidar com essa pressão é importante para pensar que a busca pela perfeição nunca será uma experiência saudável, pois somos humanos e, em algum dia, em algum lugar no tempo, falharemos. Esse é só o primeiro momento em que experimentamos essas sensações, o mundo é ainda mais selvagem depois dos muros da escola...

Basta sabermos o que vamos levar conosco ao longo do caminho ou não.

## O PESO DAS PALAVRAS

Maria Eduarda Santos Abrahão

Na pequena cidade de São Matheus, as salas de aula da Escola Primária Santa Cecília escondiam um segredo sombrio. Os corredores silenciosos eram testemunhas de um problema que ninguém ousava falar em voz alta: a gordofobia. Todos os dias, Alice, uma garota adorável com um sorriso radiante, era alvo de piadas cruéis e olhares maldosos.

Os valentões, liderados por Pedro, um garoto magro e arrogante, não perdiam a oportunidade de zombar de Alice. Chamavam-na de "gorda" e faziam piadas ofensivas, deixando-a constrangida e magoada. Alice, no entanto, era forte e determinada.

Um dia, após uma aula de educação física em que Pedro a ridicularizou na frente de todos, Alice decidiu que era hora de enfrentar a gordofobia. Ela reuniu seus amigos mais próximos, Clara e Rafael, e juntos planejaram uma maneira de combater essa discriminação.

Eles começaram a conscientizar a escola sobre a gordofobia, organizando palestras, debates e atividades que promoviam a aceitação e o respeito por todas as formas e tamanhos. Aos poucos, os estudantes

começaram a questionar as atitudes de Pedro e seus comparsas.

O dia da mudança chegou quando Pedro, influenciado pelos novos valores que estavam se espalhando pela escola, teve uma conversa sincera com Alice. Ele se desculpou por seu comportamento passado e expressou remorso sincero. Alice, com um sorriso, aceitou suas desculpas.

Aos poucos, a Escola Primária Santa Cecília se transformou em um lugar mais inclusivo e tolerante. A gordofobia diminuiu e o respeito por todas as diferenças floresceu.

Este conto, no entanto, é um lembrete de que a gordofobia é um problema real nas escolas, mas também mostra que, com determinação e empatia, podemos superá-la e construir um ambiente onde todos são aceitos, amados e acolhidos.

## UMA ESCOLA NOVA QUE SE TRANSFORMOU EM MEMÓRIA ANTIGA.

Gabriel Henrique Neves Baracho

O ano de 2012, na pacata cidade de São Gonçalo do Amarante-RN, foi inaugurada uma grande construção que mudaria a história de muita gente. Com direito a fogos de artifício e carro de som, todos queriam estudar naquele lugar que mais parecia um parque de diversão recém-chegado à cidade, com o cheiro de tinta fresca e cheio de plástico bolha nos móveis. O campus do IFRN-SGA esperava com ansiedade sua primeira turma de alunos. Ali tudo era novo: construção, móveis, alunos e servidores. O simples fato de pular na piscina já se tornava motivo de comemoração – "somos a primeira turma a tomar banho nessa piscina." Essa sensação inauguração perdurou durante todo o primeiro ano de funcionamento do instituto. Com a chegada de novas turmas, a felicidade só aumentou. Poder mostrar para os novos alunos como era bom estar ali não era uma missão difícil. Bastava entrar pelos portões vermelhos que a magia acontecia. Ali ia criando um laço de afeto e carinho. SGA, como era conhecido, passou a ser mais do que uma escola; era uma segunda casa.

O tempo foi passando, e fomos construindo a história do campus: jogos interclasses, feiras de ciências, viagens em turma... as viagens em turma, não tem como não falar parte, foram muitas experiências novas, muitas amizades que duraram até os dias atuais. A viagem pelo interior do RN, Os dois corajosos professores de Geografia que decidiram juntar dois campi (São Gonçalo do Amarante e Nova Cruz) para fazer uma viagem pelo interior do estado. Três ônibus lotados, dois dias na estrada, pontos turísticos, fechar um hotel só para os alunos e professores. Sim! Foi a melhor viagem da minha vida. As idas e vindas ao campus Mossoró para apresentações de trabalhos, o fardo dos trabalhos escolares se tornou divertido. Afinal, quem não queria viajar só para apresentar seu trabalho? Era difícil não se envolver nas atividades do campus.

O tempo em SGA voava! Você entrava às 7 horas da manhã e, num estalar de dedos, já estava pegando o último ônibus da linha de volta para casa. O dia era preenchido de todas as formas: de manhã, sempre tinha prática de esporte ou atividade cultural, projetos de pesquisa e extensão; não faltava bolsa para ninguém! A tarde, as aulas eram muito rápidas, os professores davam seus shows em formato de aula, e à noite a pelada dos servidores e alunos já era certa. Está ali

passava uma sensação tão boa que, nos dias que não tinha atividade noturna, os alunos se juntavam para andar de ônibus público, o famoso – "hoje vamos pegar o ônibus arrodando." Só de pensar naquela escola nova, que, apesar de um pouco de tempo, já se tornou uma memória antiga, o brilho nos olhos aparece. Como não dizer que foi o melhor momento da minha vida?

## O CONTO DA CIDADE SEM LAR

Thaís Travassos de Almeida

Era uma vez uma cidade onde ninguém nasce com um lar, algumas pessoas até nascem com um lugar, possuem um teto, mas não é um lar. O lar é o lugar onde você se sente seguro e protegido, assim as crianças dessa cidade, desde pequenos, buscam o seu lar. Uns encontram na rua, ou em livros, jogos, esportes, em todo lugar, até mesmo na sua própria casa.

Agora existem pessoas que acham o seu lar na escola, nesses casos as pessoas da escola são como a sua família, onde você não gosta de alguns, outros são seus melhores amigos (aqueles que você considera irmãos), outras pessoas te inspiram, te protegem, te acolhem.

Mas existe um grande problema, quando eles se formam e têm que achar um novo lar. Porém nunca se esquecerão do seu antigo lar.

## O EGO ESCOLARIZADO DO PODER

Fábio Coutinho

Poder, “ó” poder, palavra de significados vastos, talvez sinônimos do domínio e do direito. Em uma de suas definições retrata o possuimento de força física ou moral, ter influência e valimento. Há de se pensar sobre a escola, no entanto, será que esse não é o retrato da sociedade, será mesmo que as validações humanas são tão necessárias? Seria o ego? Então de onde vem o ego?

Refletindo em meio à vida do jovem André, de 15 anos, o retrato em um mundo de ilusões mostra a grande fotografia de países construídos acerca do conflito e medo, do domínio das armas, de populações e principalmente de vidas. Essa foi a escola vivida por esse jovem, pode parecer um tom de filme de guerra retratado na vida de um jovem estudante, mas, não seria elas amplificadas por repetições que ocorrem na sociedade?

Numa escola que parece ser construída por andares, o poder vem através do medo, dos crimes de racismo, xenofobia, feminicídio e só é garantido o respeito se você luta algum tipo de artes marciais, se você é um padrão de beleza ou se é o maior pegador da escola.

Mas, como colocar culpa em jovens que vem com essa mentalidade sendo construída pela sociedade, nessa mesma sociedade anos depois, a mentalidade só será amplificada ao acesso de recursos financeiros, da “lei” do mais forte e de construções que inviabilizam jeitos e culturas. Uma sociedade

que se perdeu em seus princípios, aceita o discurso da moralidade, mas sem olhar o valor real da vida.

O jovem André é um desses perdidos, pelo encantamento dos lábios doces do seu grande amor ao desejo de ser o maior entre todos, permitiu o ego dominar, trair amigos e olhar o poder que queria combater onde tudo seria resolvido apenas na interação.

“Ó” mundo, quanto falta a conversa, muito falamos, pouco ouvimos, muito odiamos e pouco sentimos, rimos e choramos em conjunto, afinal todos queremos ser felizes e cantar tranquilamente a canção que deseja, ao jovem André a sua canção é ser um bom amigo, obedecer aos seus pais, aquecer os corações, ser fiel aos seus grandes amores, mas o ego escolarizado do poder o fez errar em seus enganos. A saída, ser íntimo do seu melhor amigo, o Jesus dos Hebreus.



  
**Pedro João**  
editoria

ISBN 978-63-763-6903-9



9 786526 509029 >